

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

RAQUEL GINEZ LEITÃO

Silencioso e Perverso:
O trabalho realizado em abatedouros e suas consequências psicológicas –
uma análise de relatos

São Paulo
2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

RAQUEL GINEZ LEITÃO

Silencioso e Perverso:
O trabalho realizado em abatedouros e suas consequências psicológicas –
uma análise de relatos

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial
para obtenção do Diploma de
Graduação em Psicologia da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo.
Sob orientação do Prof. Ms. Denigés
M. Regis Neto.

São Paulo
2016

7.07.00.00-1 - Psicologia

Título: Silencioso e Perverso: o trabalho na indústria da carne e suas consequências psicológicas – uma análise de relatos.

Ano: 2016

Autora: Raquel Ginez Leitão

Orientador: Prof. Ms. Denigés M. Régis Neto

RESUMO

A presente pesquisa é uma alternativa a outra pesquisa originalmente proposta. Este trabalho procura abordar uma temática pouco discutida: os efeitos do trabalho realizado na indústria da carne sobre os comportamentos, o humor e a ansiedade dos trabalhadores. Discute-se o tema, inicialmente, apresentando a ideia de saúde do trabalhador; um panorama sobre a noção de trabalhos degradantes; seguindo especificamente para o trabalho na indústria da carne, principalmente em abatedouros e frigoríficos. O objetivo foi avaliar as consequências psíquicas (desdobradas em alteração de humor, ansiedade e comportamento) para os trabalhadores dessa indústria, bem como para seus relacionamentos sociais. Foram utilizados relatos – de trabalhadores ou conhecedores da área da indústria da carne – coletados de livros, artigos e reportagens. Estes relatos foram analisados e agrupados em categorias temáticas que foram discutidas individualmente a fim de verificar as hipóteses levantadas durante a construção do problema. Procurou-se estudar os efeitos psíquicos e comportamentais do trabalho realizado em abatedouros em seus funcionários e quais as consequências desse trabalho para o indivíduo nas esferas de sua vida pessoal, familiar e social. Nos resultados, foi encontrado uma série de possíveis consequências que podem ocorrer ao trabalhador da indústria da carne; esta série de possíveis consequências foi organizada de acordo com a ordem que os trabalhadores as apresentam, ou seja, foi possível observar e estabelecer um padrão de evolução das consequências ligadas a esse tipo de trabalho. Apesar desta pesquisa ter investigado relatos e esclarecido que poderá haver consequências para aqueles que trabalham nesta área, entende-se que mais pesquisas – principalmente pesquisas de campo com os trabalhadores brasileiros – são necessárias para compreender este fenômeno.

Palavras chave: trabalhadores; abatedouros; alteração de comportamento e humor.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço imensamente ao meu fantástico orientador Prof. Ms. Denigés M. Regis Neto, que esteve comigo em todo o processo do trabalho, me orientando de forma cuidadosa e preocupada, sempre procurando compreender minha temática e me auxiliar de forma a aprimorá-la. Sua dedicação e organização sempre foram uma inspiração para que eu desse continuidade ao trabalho, não importando as dificuldades que se apresentassem.

Agradeço também à Prof. Dra. Cecília Vilhena, a qual me auxiliou, de forma entusiasmada, a iniciar o projeto deste trabalho; e aceitou ser minha parecerista. Agradeço também à Prof. Dra. Teresa Endo, que me ajudou a aprimorar o projeto que acabou por tornar-se o presente trabalho.

Agradeço a todos aqueles que me acompanharam nesta etapa e me encorajaram a continuar a pesquisa demonstrando seu interesse na mesma. Agradeço aos amigos que estiveram comigo e me auxiliaram nos momentos difíceis e que comemoraram junto comigo a finalização deste trabalho. Agradeço à minha família, que nunca questionou minhas escolhas e sempre as apoiaram; agradeço também à minha família por ter me ensinado a respeitar e a amar os animais desde pequena, e, com isso, fazendo com que crescesse em mim a empatia para respeitar todos os seres vivos.

Agradeço aos amigos e figuras de inspiração vegetarianos e veganos, que me ajudam a manter a ideologia viva, para que conscientizemos cada vez mais pessoas sobre o assunto.

Por fim, agradeço aos animais, que foram o motivo de início de todo o meu processo até hoje. É por eles que não como carne há 13 anos e é por eles, também, que realizei este trabalho e me dei conta de que não são apenas eles que sofrem com o funcionamento da indústria moderna.

SUMÁRIO

1. Introdução	05
1.1. Escolha do Tema: aspectos pessoais e sociais	05
1.2. Desafios e Limites da Pesquisa	06
1.3. Direito dos Animais	06
1.4. Saúde do Trabalhador	09
1.5. Trabalhos Degradantes	10
1.6. O Trabalho na Indústria da Carne	12
1.7. Objetivo	17
1.8. Problema de Pesquisa	17
1.9. Fundamentação Teórica	17
2. Método	19
2.1. Fontes de Dados	19
2.2. Palavras-chave	19
2.3. Previsão de Análise	20
3. Resultados	21
3.1. Organização dos Dados	21
4. Discussão	38
5. Considerações Finais	40
 Referências Bibliográficas	 42
Anexo A – Artigos, Reportagens e Livros	47
Anexo B – Método da Proposta de Pesquisa Original	69

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi uma alternativa a uma pesquisa mais ampla que foi impossibilitada devido às características furtivas e sigilosas das relações de trabalho aqui investigadas. Durante toda a revisão bibliográfica, ficou claro que os relatos encontrados sobre o trabalho realizado nas plantas industriais da indústria da carne foram obtidos, em sua maioria, através de investigadores infiltrados nas mesmas, como trabalhadores. Devido a essas características, pode-se perceber que os responsáveis por esta indústria possuem consciência de que os acontecimentos que ocorrem lá dentro podem ser nocivos para seus trabalhadores e de desagrado para aqueles que não conhecem a mesma.

Devido às dificuldades encontradas para realizar uma pesquisa própria com os trabalhadores, o presente trabalho irá abordar a temática através de diversos relatos coletados durante a revisão bibliográfica. Com base nesses relatos, serão levantadas hipóteses sobre o trabalho realizado na indústria – nas áreas de abate e frigorífico – e a saúde física e mental do trabalhador. Antes dessa análise, será construído um contexto da temática para o leitor. Ao final do trabalho será sugerida uma investigação ampla e cuidadosa que poderia conseguir informações mais precisas sobre as implicações do tipo de trabalho estudado nesta pesquisa.

1.1. Escolha do Tema: aspectos pessoais e sociais

Como vegetariana desde jovem, ao longo de todos esses anos, realizei uma intensa pesquisa sobre a ‘indústria da carne’ para fins pessoais, bem como para compreender, entre outras coisas, por que comemos carne, como e por que os animais são criados e abatidos como o são e quais as alternativas ao consumo da carne. Mais recentemente, ainda pesquisando sobre a mesma temática, deparei-me com outro tipo de sofrimento para além do dos animais: o sofrimento dos trabalhadores dessa indústria – particularmente os operários de abate e de frigorífico. Com isso em mente e sabendo o quanto é desconhecido das pessoas as características desse tipo de ambiente e das práticas desse tipo de trabalho, seja para animais ou pessoas, decidi investigar este assunto mais profundamente - no entanto, sob a ótica do sofrimento psíquico a que os trabalhadores dessa indústria são

submetidos diariamente e as consequências individuais e talvez sociais do trabalho em constante sofrimento e em contato tão naturalizado com a violência.

1.2. Desafios e Limites da Pesquisa

Devido aos desafios encontrados para realizar uma pesquisa em campo a fim de obter relato dos trabalhadores - entre outras informações - a alternativa encontrada para dar continuidade à pesquisa, foi trabalhar com os relatos já encontrados na literatura durante a revisão bibliográfica. Sabe-se dos problemas e limites com os dados coletados desta maneira, uma vez que a pesquisa em campo produziria um dado mais preciso e confiável. Não só a questão da dificuldade de encontrar os sujeitos da pesquisa – trabalhadores de abate e frigorífico - foi um empecilho, mas também o pouco tempo para que se tentasse buscar mais a fundo os contatos necessários para a realização da pesquisa em campo e realizá-la com cuidado.

Houve preocupação de que esses relatos, coletados de livros, artigos e reportagens, pudessem estar influenciados ou contaminados com interferências – durante a construção dos artigos e reportagens onde foram encontrados - no entanto, tomou-se o cuidado de verificar a fonte desses relatos, bem como estes foram coletados para seus devidos artigos e reportagens. Sendo assim, dentro do que foi possível realizar em pouco tempo e em meio a dificuldades, a pesquisa seguirá através de relatos já publicados na literatura.

1.3. Direito dos Animais

Os animais fazem parte do convívio humano há milhares de anos, seja como companheiros de caça, animais de estimação, como alimento ou até mesmo entretenimento. Embora estejam tão presentes em nosso meio, ainda hoje, são vistos por muitas pessoas como seres inferiores, sujeitos a todo e qualquer tipo de uso que o ser humano achar desejável ou necessário. Muitos desconhecem que, animais, apesar de não verbalizarem, são seres complexos, sencientes¹, que organizam-se socialmente e comunicam-se à sua maneira. É somente atualmente que algumas

¹ Que percebe pelos sentidos; que recebe impressões; sentir.
ANIMAL, Ethics. Criteria for recognizing sentience, 2016. Disponível em: www.animal-ethics.org/criteria-for-recognizing-sentience/. Acesso em: 19 de maio de 2016.

nações estão preocupadas em garantir e reconhecer a complexidade e senciência dos animais não humanos². Apesar de existirem leis que procuram garantir o direito dos animais, essas ainda – principalmente no Brasil - são pouco elaboradas e muito brandas, dando espaço à relativização do que é bem-estar animal e do que é considerado maus tratos.

Poucos conhecem a realidade dos animais de abate e, como disse Foer (2009, p.41): “O sucesso da criação em escala industrial depende da visão nostálgica dos consumidores sobre a produção de alimentos – o pescador enrolando o carretel com o peixe na linha, o criador de porcos conhecendo cada um de seus animais individualmente [...]”. A ideia da indústria é justamente distanciar animais e humanos, mas mantendo na população a fantasia de que, ainda hoje, com tamanha demanda, a criação de animais para abate se dá da forma como se dava há 70 anos. No entrando, através de pouca pesquisa descobre-se a realidade da produção de carne atualmente. Como disse Porcher (2004), “O desenvolvimento dos sistemas industriais e intensivos [...] levou a profundas transformações das representações do animal de pecuária e do ofício do pecuarista. Entre criação de animais e ‘produção animal’, o trabalho da pecuária foi quase reduzido exclusivamente a sua racionalidade econômica”.

A produção em escala industrial exige que se crie e abata cada vez mais animais em um curto espaço de tempo. Segundo a pesquisa trimestral do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2015 a respeito do abate de animais considerados de consumo no Brasil, obteve-se as seguintes informações: os dados mostram um recorde no abate de suínos, com 9.7 milhões de animais mortos em 90 dias; um aumento no abate de frangos, com 1,4 bilhão de animais abatidos; e 7,6 milhões de bois e vacas também abatidos. Fabio Chaves, infoativista³ do site Vista-se e do Portal R7, através dos dados da pesquisa do IBGE, chegou à seguinte informação: o Brasil abate 1 boi, 1 porco e 180 frangos por segundo.

Para ocorrer essa produção em massa, é preciso deixar de levar em conta o cuidado, e é nesse momento em que o animal de abate – e também o trabalhador - é

² AVANCINI, Alex. Em decisão histórica França altera Código Civil e reconhece animais como seres sencientes, 2015. Disponível em: < <http://www.anda.jor.br/03/02/2015/decisao-historica-franca-altera-codigo-civil-reconhece-animais-seres-sencientes> >. Acesso em: 19 de maio de 2016.

ANIMAL, Equality. New Zealand Legally Recognises Animals as ‘Sentient’ Beings, 2015. Disponível em: www.animalequality.net/node/703. Acesso em: 19 de maio de 2016.

³ Aquele que informa e batalha por uma causa.

banalizado. Os animais são criados em espaços pequenos, normalmente enclausurados e sujos, não permitindo que esses animais tenham suas necessidades básicas atendidas: movimentar-se, socializar com seus semelhantes, deitar, e exibir qualquer tipo de comportamento que seja característico de sua espécie. Foer (2009), exemplifica com o relato de como galinhas poedeiras são criadas: “A gaiola típica onde ficam as galinhas poedeiras concede a cada uma delas um espaço de [...] uma folha de papel A4 para impressora. Essas ficam enfileiradas e são empilhadas em grupos de três a nove [...]”. No contexto de criação, os animais sofrem diversos tipos de maus tratos; não só por terem suas necessidades ignoradas, como aqueles infligidos por seus próprios tratadores. Após uma vida vivida em cativeiro – em péssimas condições – o animal é levado de forma bruta e descuidada para o abate, onde sofrerá ainda mais, não somente com a violência dos funcionários, como pelo abate rápido e descuidado, a fim de bater as metas de abate por minuto estabelecidas pela empresa. O resultado são animais e funcionários estressados, um ambiente caótico e de muito sofrimento, para ambos os lados.

Percebe-se que a produção em escala industrial é prejudicial não somente aos animais, mas também aos trabalhadores que operam nesse meio. Suas jornadas de trabalho são exaustivas, com pouco descanso, baixos salários e quase nenhuma compreensão das empresas em que trabalham. Muitos desses trabalhadores, em pouco tempo de trabalho, desenvolvem diversos problemas de saúde, sejam eles físicos – devido às longas jornadas de trabalho e movimentos repetitivos – como psicológicos, ao terem de lidar com o fato de abater animais diariamente, ignorando seus sentimentos por aquele animal e o bem-estar dele. Além disso, não é natural para o ser humano abater animais nessa escala industrial. O trabalhador deixa de matar para consumir diretamente, para sua própria sobrevivência; ele passa a “matar por matar”, fazendo com que o processo de abater um ser vivo se torne insignificante, repetitivo e relacionado a outras condições muito diferentes das origens naturais de tal atividade.

Portanto, abordar os direitos dos animais é também abordar o direito desses trabalhadores, que também são vítimas do funcionamento industrial e tem suas necessidades básicas ignoradas para que possam trabalhar. Sabendo da relação do bem-estar animal com o ambiente de trabalho tranquilo e saudável do trabalhador, algumas empresas estão procurando introduzir a questão do Abate Humanitário, que

consiste em técnicas que prezam pelo cuidado e bem-estar animal, deixando-os menos estressados, o que diretamente contribui no abaixamento do nível de estresse dos funcionários, pois estes conseguem realizar seu trabalho com calma e cautela.

1.4. Saúde do Trabalhador

Ao longo das décadas, o significado de trabalho foi se modificando e ajustando, mas, até hoje se mantém a ideia de que, quem trabalha, está produzindo e contribuindo, é um ser correto e digno, de caráter. Além dos valores morais, o trabalho é necessário para que se consiga manter um padrão de vida minimamente sustentável – manter as necessidades básicas do ser humano sendo atendidas. Sendo assim, pode se considerar que o trabalho é uma atividade indispensável para o homem, o que por vezes pode fazer com que este se submeta a condições indignas de trabalho. Por mais que hoje exista leis que buscam fiscalizar e cuidar de todo e qualquer tipo de trabalho existente, ainda há aqueles trabalhos em que ninguém gostaria de atuar por serem degradantes. Além disso, ainda hoje existem trabalhos análogos à escravidão em diversos setores: carvoarias, indústria têxtil, indústria de tecnologia, indústria agropecuária, entre outras.

Quase qualquer tipo de trabalho traz riscos à saúde do trabalhador. Em maior ou menor grau, o trabalhador está sujeito a sofrer consequências devido ao tipo de trabalho que exerce; é importante considerar os riscos trazidos por cada trabalho a fim de promover ações de saúde e segurança – específicas e gerais - ao trabalhador. É importante ampliar a atenção e o cuidado à saúde do trabalhador uma vez que este está exposto a riscos psicológicos além de físicos ao exercer seu trabalho. O mesmo cuidado e atenção valem para o trabalhador de abate ou frigorífico da indústria da carne, pois estes estão em constante contato com riscos físicos à saúde, e potencialmente psíquicos, ao estarem expostos constantemente ao sofrimento e a violência. Como disse Alves (2010, p.351) “[...] cada vez mais, sob a dinâmica do capitalismo global, torna-se incompatível o modo de produção capitalista e a saúde do trabalhador”. A saúde do trabalhador foi elaborada justamente para que órgãos responsáveis para tal fiscalizem os trabalhos existentes, principalmente aqueles que trazem maiores riscos – físicos ou psicológicos - ao seu trabalhador.

No Brasil, a ideia de Saúde do Trabalhador - e as características de fiscalização, estabelecimento de critérios e cuidado inerentes a ela - passou a ser incorporada no SUS (Sistema Único de Saúde) em 1990 através da Lei Orgânica da Saúde (Lei 8.080). Assim, o SUS ficou responsável por coordenar a política de saúde do trabalhador. As ações voltadas para a saúde do trabalhador consistem em: *“um conjunto de atividades que se destina, por meio das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e a proteção da saúde do trabalhador, assim como visa a recuperação e a reabilitação dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho”* (Artigo VI da lei 8.080 da Secretaria da Saúde).

1.5. Trabalhos Degradantes

Com o advento da revolução industrial, o número de empregos aumentou consideravelmente, assim como a quantidade da produção e, posteriormente, da demanda. No entanto, houve a diminuição do tempo e a otimização da produção, que exige dos trabalhadores uma grande produção em um espaço de tempo muito pequeno. Essas três variáveis – aumento da demanda, aumento da produção e diminuição do tempo para produzir - estão intimamente relacionadas quando se trata de trabalho degradante, pois não permitem ao trabalhador que este faça sua tarefa com calma, cuidado e segurança. Ainda hoje muitos empregos podem ser classificados como degradantes quando se avalia aspectos importantes como: sua jornada de trabalho, sua remuneração apropriada ou não, seu ambiente físico e sua segurança. Segundo a Revista do Ministério Público do Trabalho (2005), em sua discussão sobre trabalhos degradantes e trabalhos escravos, um trabalho pode ser definido como degradante quando:

“[...] priva o trabalhador de dignidade, o rebaixa e prejudica, a ponto, inclusive, de estragar, deteriorar sua saúde. [...] Será degradante aquele que tiver péssimas condições de trabalho e remuneração incompatível, falta de garantias mínimas de saúde e segurança; limitação na alimentação e moradia. Enfim, [...] aquele que o faz submeter-se a condições indignas”. (ANDRADE, 2005, pp.78).

Pode-se dizer então que, embora o número de indivíduos empregados atualmente seja alto devido ao crescimento e propagação das grandes indústrias, este se torna irrelevante perto das faltas de condições dignas de trabalho nesses locais. Este grande número de indivíduos, embora empregados, também estão sem a garantia de seus direitos básicos como trabalhadores: segurança, remuneração adequada e saúde.

Todo processo de trabalho envolve riscos em maior ou menor grau, estes são denominados “agentes de risco” e dizem respeito aos tipos de riscos que podem estar presentes em cada tipo de trabalho. A presença ou não de agentes de risco dependerá do tipo de trabalho a ser exercido, das condições nas quais esse trabalho será exercido, do ambiente de trabalho, de quais são as garantias de segurança do trabalhador e de uma adequada jornada de trabalho. Longas jornadas de trabalho, seja em qualquer contexto, são estressantes. No entanto, em alguns contextos, a longa jornada será um fator muito mais que estressante, pois pode desencadear sérios problemas de saúde - físicos e possivelmente psicológicos - ao manter o trabalhador em constante contato com aquilo que pode lhe trazer riscos à sua saúde.

Trabalhadores da agricultura passam horas semanais colhendo, com pouco descanso, carregando toneladas de produto e recebendo um salário incompatível com o trabalho realizado. Bancos de investimento possuem altas taxas de trabalhadores adoecidos psicologicamente devido à pressão de seu trabalho. Funcionários da indústria têxtil passam quase o dia todo sem descanso, na mesma posição, costurando milhares de peças de roupas, sendo pressionados por seus supervisores e recebendo também salários incompatíveis. Funcionários da fábrica de uma empresa sul-coreana foram obrigados a usar fraldas para não perderem tempo indo ao banheiro e assim atrasar a produção.⁴ Estes são alguns exemplos de outros trabalhos que podem ser considerados degradantes além do trabalho realizado na indústria da carne.

⁴ GLOBO. Para aumentar a produção, empresa sul-coreana proíbe funcionários de irem ao banheiro, 2013. Disponível em: <oglobo.globo.com/economia/emprego/para-aumentar-producao-empresa-sul-coreana-proibe-funcionarios-de-irem-ao-banheiro-9500825>. Acesso em: 19 de maio de 2016.

1.6. O Trabalho na Indústria da Carne

A indústria da carne é um organismo grande, complexo e pouco conhecido. Pouco se sabe sobre como essa indústria opera, seja em relação aos trabalhadores, aos animais ou até mesmo aos alimentos produzidos e comercializados para a população. As diversas questões que o funcionamento dessa indústria suscita, podem ser abordadas através de diferentes enfoques, determinados pelo aspecto específico que se deseja tratar. O enfoque trazido neste trabalho é compreender como o trabalho nessa indústria pode ser desgastante para a saúde do trabalhador, principalmente psicologicamente.

Sabe-se que a indústria da carne, principalmente no Brasil, é uma indústria com altas taxas de empregabilidade devido à sua numerosa quantidade de fábricas e produção. No entanto, pouco se sabe sobre o funcionamento da mesma, e assim, surgem alguns questionamentos: como é o trabalho em uma indústria como essa? Mais especificamente, como é o trabalho daquele indivíduo responsável por abater um animal? Quais os riscos específicos para a saúde desse trabalhador?

Atualmente, uma unidade industrial de carnes é altamente fragmentada e automatizada. Os corpos dos animais circulam pela linha – geralmente de maneira automática - enquanto os funcionários permanecem fixos em seus postos realizando suas tarefas de maneira rápida e repetidamente, sempre aos olhos dos atentos supervisores, que cobram destreza e rapidez, não importa o que aconteça. As áreas da unidade, de maneira geral e resumida, podem ser divididas entre área suja e área limpa (Stefanuto, 2014). A área suja, de maneira geral, opera da seguinte maneira: os animais são levados a baias de espera por um corredor, onde serão encaminhados para a dessensibilização. Após o animal ser insensibilizado, ele irá para a área de sangria, onde terá seu corpo sangrado a fim de abatê-lo de vez. Após ser sangrado, o corpo do animal irá para a área onde os funcionários irão retirar suas entranhas, cortar e limpar as carcaças. Limpas as carcaças, estas irão para o frigorífico, a chamada área limpa, para serem cortadas em cortes específicos, enquanto os miúdos irão para outra parte da unidade para a produção de subprodutos. Durante todo o processo, trabalhadores sofrem pressão para cumprir a meta animais por tempo, sendo assim, deixam de seguir normas de segurança e acabam por abater os animais

de maneira incorreta, infligindo sofrimento aos animais e a si mesmos. Abatem muitos animais por minuto, operam maquinários cortantes e perigosos de maneira descuidada devido à rapidez da linha de produção, e realizam constantes movimentos repetitivos; esses são problemas específicos desse tipo de trabalho enfrentados pelos funcionários da indústria da carne. Esse rápido e estressante processo afeta em demasia a saúde do trabalhador.

O ambiente relatado acima – especialmente a área suja - é, por vezes, inóspito, insalubre, fechado e cheio de maquinários, podendo tornar-se alienante. Abater os animais da forma mais rápida possível, sem levar em consideração sua correta inconscientização, gera estresse não somente para este animal, como para o funcionário responsável por abatê-lo. Os dados encontrados na pesquisa de Stefanuto (2014) revelam que as áreas com maior rotatividade de funcionários são as áreas de condução e atordoamento, pois estes funcionários têm que lidar com o animal ainda vivo. Essa informação é corroborada pelo estudo de Fitzgerald (2010): “[...] abatedouros modernos possuem uma excepcional alta taxa de rotatividade de empregados: taxas tão altas quanto 200% no primeiro ano de operação não são incomuns. [...] A alta taxa de rotatividade foi atribuída às perigosas características de condição do trabalho e da natural demanda física do trabalho”.⁵ O maquinário utilizado, muitas vezes complexo e pouco compreendido pelos trabalhadores, é responsável por inúmeros casos de acidentes de trabalho, envolvendo amputações e, em alguns casos, até mesmo morte⁶. Além da complexidade do trabalho e do maquinário utilizado, os funcionários são desencorajados a reportar problemas e sofrem a pressão de continuar o trabalho e manter a linha de produção em andamento não importa o que aconteça: seja uma máquina quebrada, seja um animal dessensibilizado incorretamente, seja exaustão do trabalhador, seja vontade de ir ao banheiro... entre outras situações. Vê-se assim, por essas diversas características das

⁵ Inglês (Estados Unidos): “[...] modern slaughterhouses have an exceptionally high employee turnover rate: rates as high as 200% in the first year of operation are not uncommon. [...] The high turnover rate has been attributed to the dangerous working conditions and the physically nature of the work”.

⁶ BARROS, Carlos. Com três acidentes graves apenas neste ano, JBS Friboi é alvo de ações milionárias que denunciam falta de segurança para trabalhadores nos frigoríficos, 2015. Disponível em: www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2015/04/com-tres-acidentes-graves-apenas-neste-ano-friboi-e-alvo-de-acoes-milionarias-8000.html>. Acessado em: 19 de maio de 2016.

⁶ BRASIL, Repórter. “Moendo Gente” mostra as condições de trabalho nos frigoríficos do Brasil, 2012. Disponível em: reporterbrasil.org.br/2012/09/quot-moendo-gente-quot-mostra-as-condicoes-de-trabalho-nos-frigorificos-do-brasil/>. Acessado em: 19 de maio de 2016.

unidades de operação da indústria da carne, que o trabalho realizado – principalmente em abatedouros e frigoríficos – pode ser considerado um trabalho degradante, pois envolve diversos riscos à vida daquele que o exerce, sejam eles físicos ou psicológicos.

“Hoje em dia, criações de animais com grandes abates, muitos animais por funcionário, elevada velocidade do trabalho e grandes valores econômicos em jogo, a carga mental pode ser pesada e resultar em grande estresse, especialmente para pessoas que trabalham sozinhas”. (FOER, 2009).

Além do ambiente hostil, os trabalhadores devem evitar comunicar-se entre si e enfrentam longas jornadas de trabalho sem a possibilidade de um bom período de descanso – mesmo que esse período de pausa já tenha sido aumentado através da Norma Regulamentadora Nº36 (Norma dos Frigoríficos)⁷. O resultado normalmente são trabalhadores estressados e com problemas físicos devido ao grande esforço e movimento repetitivo. Muitas vezes, trabalhadores são afastados devido à problemas de saúde e recebem pouco ou nenhum auxílio das empresas que os empregaram. Assim, sem trabalhar e com problemas de saúde, o trabalhador tem de arcar com suas despesas médicas sozinho. Os diversos acidentes que ocorrem nas plantas de abatedouros e frigoríficos poderiam ser evitados se a produção em escala industrial fosse melhor planejada e equilibrada – de acordo com as necessidades do trabalhador e das normas de segurança - para que todos pudessem realizar suas tarefas de maneira correta e com cautela. No entanto, como o objetivo é o lucro com o menor tempo e gasto possível, a saúde do trabalhador fica em segundo plano.

⁷ Norma Regulamentadora Nº36 (Norma dos Frigoríficos): tem como objetivo promover a prevenção e a redução de acidentes de trabalho em frigoríficos e abatedouros do país. A principal mudança se refere ao período de descanso durante o expediente conforme a jornada de trabalho. (REPORTAGEM 3).

“É um setor em que nós temos ponta no mundo e que emprega muita gente. No entanto, esse setor se desenvolveu muito em cima da produção, da competição [...] E ganhou os mercados porque produz uma carne muito barata [...] em cima do ritmo e da exploração da mão de obra. Além disso, pagam um salário muito baixo, com uma produção muito alta por homem. Essa produção aumentou muito nos últimos anos e, junto com ela, aumentaram as doenças. O ritmo é intenso, insuportável, as pessoas têm uma vida útil de trabalho muito curta hoje no setor”. (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2011).

O desgaste físico e emocional é grande, e, muitas vezes, atinge a vida pessoal e social do trabalhador, que enfrenta dificuldades mesmo em simples tarefas de seu dia a dia.

“[...] os resultados dessas condições de trabalho poderão significar as incapacidades para o trabalho, as constantes dores e as doenças incuráveis que impactam na vida desses trabalhadores. Quando falamos em impactos na vida dos trabalhadores estamos dizendo que tarefas habituais como varrer uma casa, segurar um filho no colo, segurar um copo ou uma bolsa, lavar roupa, hoje já não são mais possíveis de ser realizadas. Há casos em que os trabalhadores dizem conviver com dores constantes todos os dias” (HECK, 2013).

Pouco se faz para melhorar as condições de trabalho nessa indústria, e mesmo com as multas e as fiscalizações, a indústria continua não investindo no bem-estar de seu trabalhador.

“Para especialistas da área, as condenações impostas pelo Poder Judiciário aos frigoríficos resultam em indenizações de valor muito baixo que, em vez de inibir as práticas nocivas no setor, acabam permitindo que novos acidentes ocorram”. (REPÓRTER BRASIL, 2012).

Para além das consequências físicas desse tipo de trabalho – que também influenciam o objeto de estudo desse trabalho – o foco da presente pesquisa é analisar se este tipo de trabalho está relacionado a alterações de humor e comportamento de seus trabalhadores. Achados em alguns estudos indicam que trabalhadores de abatedouros e frigoríficos tornam-se pessoas mais depressivas, ansiosas e frias, como se elaborassem uma maneira de lidar com o tipo de trabalho que realizam.

Procurar-se-á saber o que o contato direto e contínuo com o sofrimento e a violência traz para o trabalhador, principalmente em relação ao seu humor e seu comportamento.

“A pior coisa, pior do que qualquer risco físico, é o preço emocional que você paga. Se trabalhar no boxe de atordoamento durante um período, você desenvolve uma atitude que permite matar, mas não que se importe. (FOER, 2009, p.258)

Esse tipo de trabalho faz com que o indivíduo trabalhador tenha de, não somente entrar em contato, mas de infligir sofrimento através da violência durante o abate dos animais. Em um ambiente hostil como esse, muitos trabalhadores relatam a dificuldade de lidar com o fato de gostarem do animal, mas de ter de matá-lo, muitas vezes, de forma incorreta e cruel.

[...] A pessoa pode olhar no olho um porco que está descendo com ela naquele poço de sangue e pensar: “Deus, realmente não é um animal feio”. Pode querer fazer carinho nele. Porcos que desciam para a sala de abate chegavam a se aproximar e a me cheirar como filhotinhos de cachorro. Dois minutos depois, eu tinha de matá-los – bater neles com um cano para matá-los. Eu não posso me importar. (JOY, 2011, pp. 81).

Complementar a estes relatos, um estudo aponta (Fitzgerald, Kalof & Dietz, 2010) para a possível relação entre a presença de um abatedouro na cidade e aumento da criminalidade na mesma – principalmente crimes violentos – bem como o consumo de álcool e medicamentos. Isso sugere que a violência implicada no trabalho se estende para outras condições de vida.

Indo em direção à mesma ideia de Porcher (2004), conclui-se que enquanto o sofrimento dos animais nesse tipo de sistema é reconhecido por alguns grupos e estudos, os efeitos desse tipo de trabalho sobre a saúde física e mental do trabalhador permanecem ainda obscuros e desconhecidos. Sendo assim, a fim de investigar mais profundamente os efeitos que o trabalho industrial nos abatedouros e frigoríficos tem em seus funcionários, a pesquisa buscará, através dos relatos coletados, verificar as

hipóteses que foram levantadas. Este tipo de trabalho induz à um comportamento mais agressivo? Pessoas violentas tendem a procurar este tipo de trabalho ou tornam-se violentas devido ao tipo de trabalho realizado? Qual é a relação entre o trabalho realizado e os índices de depressão e ansiedade entre os trabalhadores? Além das características observadas, como depressão, ansiedade e agressividade, que outros impactos psicológicos e sociais o trabalho realizado poderia trazer a seu trabalhador e, consequentemente a sociedade em que vive?

1.7. Objetivo

O objetivo do presente trabalho é compreender o impacto psicológico e comportamental da exposição ao trabalho nas diferentes etapas do processo da indústria da carne – especialmente nas áreas de abate e frigorífico.

1.8. Problema de Pesquisa

Através de diversos relatos de trabalhadores da indústria da carne e de conhecedores da mesma, buscar-se-á compreender se estes relatos possuem alguma indicação de que o trabalho realizado na indústria – principalmente em abatedouros e frigoríficos – sugere alterações ou características psicológicas e comportamentais específicas. O trabalhador apresenta algum tipo de problemas de saúde física ou mental? O que neste trabalho pode estar relacionado com alterações de comportamento e humor em seus funcionários?

1.9. Fundamentação Teórica

Parte das análises apresentadas se baseiam nas descrições de controle aversivo e suas implicações de Sidman (1989/2000). Tal descrição apresenta as consequências imediatas e de longo prazo da presença de condições e relações aversivas, ameaçadoras e agressivas para o repertório comportamental e as experiências subjetivas dos indivíduos. Fundamentado na análise do comportamento e por tanto com alta generalidade para a análise das relações humanas em diferentes contextos, esta proposta se mostrou fexível o suficiente para deprever as relações

avertivas a as suas implicações de modo a compreender grande parte do que foi identificado na literatura investigada. Foi utilizado também algumas análises de Skinner (1953;1974) sobre as relações comportamentais que complementam as propostas de Sidman (1989/2000).

2. MÉTODO

2.1. Fonte de Dados

Serão utilizados relatos – de trabalhadores ou conhecedores da área - acerca da indústria da carne, a fim de agrupá-los de acordo com as temáticas que neles aparecem e então analisar e discutir as temáticas estabelecidas de acordo com as hipóteses levantadas para este estudo. Esses relatos foram obtidos em artigos, reportagens e livros.

Os artigos obtidos durante a revisão bibliográfica foram encontrados através da ferramenta de pesquisa “Google Acadêmico”. Optou-se utilizar o Google Acadêmico em detrimento de outros sites de pesquisa científica pois considera-se que este tenha uma gama maior de oferta de artigos de acordo com as palavras-chave inseridas na busca. A busca de reportagens deu-se através de sites de jornalismo, sindicatos trabalhistas, ministério do trabalho, agricultura e pecuária brasileira e blogs infoativistas.

Os mais variados artigos, livros e reportagens foram obtidos a fim de realizar uma robusta revisão bibliográfica. No entanto, para a produção dos resultados desta pesquisa, houve a escolha de determinados artigos outras publicações, que se indicavam mais adequados e específicos para tratar a temática desejada. O critério de inclusão dos livros, artigos e reportagens era que estes trouxessem a questão dos efeitos causados pelo trabalho na indústria da carne sobre a saúde dos trabalhadores, bem como relatos dos mesmos ou de conhecedores da área. Sendo assim, de 24 artigos lidos, 8 foram utilizados para a elaboração dos resultados; de 25 reportagens, 7 foram utilizadas; e todos os 3 livros foram utilizados. O material utilizado para a elaboração dos resultados bem como os relatos coletados, se encontram no Anexo A deste trabalho.

2.2. Palavras-Chave

As palavras chave utilizadas na ferramenta Google Acadêmico para encontrar tal material foram: “abatedouros”; “doenças mentais em abatedouros”; “depressão em abatedouros”; “condições de trabalho em abatedouros”; “slaughterhouse and mental

health”; “slaughterhouse employees”. As palavras chave utilizadas na ferramenta google para encontrar o material utilizado foram: “abatedouros”; “saúde mental em abatedouros”; “condições de trabalho em abatedouros”; “trabalho em abatedouros”; “violência e abatedouros”; “slaughterhouse mental health”.

Além das ferramentas “Google acadêmico” e “Google”, grande parte dos artigos foram encontrados nas referências bibliográficas dos artigos coletados através das ferramentas já citadas.

2.3. Previsão de Análise

Para obter os relatos a serem analisados, 8 artigos, 7 reportagens e 3 livros foram utilizados. Trechos desses relatos foram agrupados em categorias temáticas que emergiam da leitura sistemática de cada material – de acordo com o conteúdo que trazem - e então analisados, a fim de verificar as hipóteses levantadas durante a introdução desta pesquisa.

3. RESULTADOS

Durante a leitura do material utilizado para a coleta de relatos, foram encontradas diversas situações e descrições semelhantes, o que permitiu que os relatos fossem sistematizados e agrupados de acordo com a temática que traziam. As categorias temáticas foram criadas e colocadas de maneira a compreender o fluxo de consequências que podem ocorrer com o trabalhador dessa indústria. Algumas referem-se aos impactos causados pelo trabalho dentro do próprio trabalho e outras referem-se aos impactos causados pelo trabalho fora do mesmo, no âmbito pessoal, social e familiar do trabalhador.

3.1. Organização dos Dados

As categorias levantadas foram as seguintes: 1- Pesadelos recorrentes; 2- Confusão emocional; 3- Sofrimento e estresse decorrentes do contato diário com a violência; 4- Agressão a animais do abate (frustração e estresse); 5- Adormecimento emocional; 6- Abuso de álcool; 7- Alteração de comportamento e humor; 8- Isolamento social; 9- Dor física e estresse; e 10- Incidência de transtornos mentais. Cada uma delas será abordada e discutida individualmente.

1. Pesadelos Recorrentes

Observou-se em muitos relatos a incidência de pesadelos relacionados ao trabalho realizado na indústria. Presente principalmente em trabalhadores recém contratados, este pode ser um indicativo de como logo cedo o trabalho realizado já interfere na vida pessoal do trabalhador, que torna-se atormentado pelas vivências ocorridas em seu trabalho, principalmente devido àquelas infligidas por ele mesmo.

Este pode ser tido como um primeiro indicativo de possíveis alterações psíquicas no trabalhador de abate. Não é natural para o ser humano infligir dor a outros seres vivos indefesos, principalmente nessa escala. A realidade do trabalho é trazida nos sonhos misturada com a fantasia e com o sentimento de culpa, onde trabalhadores relatam serem perseguidos pelos animais que abateram ou então que os animais “perguntam” a eles o porquê de eles os estarem matando.

Durante a fase inicial e os meses imediatos que se seguem, funcionários de abatedouros frequentemente têm sonhos vívidos sobre o trabalho deles. Funcionários narram pesadelos paranoides e sonhos cheios de medo e ansiedade. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 5). (Tradução própria).⁸

Além dos sonhos com conteúdo de culpa e medo, trabalhadores relatam também sonhar com a grande quantidade de animais e a alta velocidade de seu trabalho, onde ficam sobrecarregados e confusos, fazendo seu trabalho de forma errada.

Percebe-se assim que as primeiras questões que aparecem são relacionadas ao tipo de trabalho que executam, que gera um sentimento de medo, culpa e ansiedade, por estarem indo em direção contrária ao comportamento natural de empatia e não violência; e também relacionadas a como esse trabalho é realizado – de maneira rápida e muitos animais por minuto, o que lhes gera grande estresse.

Segundo Skinner (1974), o sonho é uma condição na qual a motivação, (a privação e a emoção) sobrepõe aquilo que seria o controle discriminativo do contexto presente, dado que o indivíduo ao dormir, diminui seu contato com tais estimulações. Ou seja, quando sonhamos, estamos menos sobre o controle de condições concretas e reais e ficamos mais sobre o controle das motivações mais básicas, primitivas e emocionais. É por isso que geralmente os sonhos são atemporais e disformes. Com base nisso, pode-se inferir que o conteúdo trazido nos sonhos dos trabalhadores de abate está relacionado aos conflitos emocionais que sentem ao realizarem o trabalho designado a eles. Em particular às emoções como “raiva e frustração” (Skinner, 1953). Tais nomes são dados às condições que mobilizam respostas agressivas e destrutivas. As condições que as promovem são denominadas Operações Emocionais, as quais poderiam ser reconhecidas nas atividades nocivas do trabalho descrito.

Os sentimentos de medo, culpa e ansiedade são desconfortáveis, ainda mais se se manifestam devido a situações conflitantes vivenciadas pelo indivíduo. A fim de

⁸ Inglês: During their initial employment phase and in the immediate couple of months thereafter, slaughterers frequently have vivid dreams about their work. Slaughter employees narrated paranoid nightmares and dreams filled with fear and anxiety. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 5).

manter-se afastado desses sentimentos incômodos e possivelmente incapacitantes, o trabalhador passa a procurar maneiras de adaptar-se a eles através da habituação a seu trabalho. No entanto, habituar-se com a violência pode ser deveras prejudicial à saúde psíquica do sujeito.

2. Confusão Emocional

Inicialmente, como pôde ser observado nos relatos coletados, a tarefa de abater animais é difícil para a grande maioria dos trabalhadores. Estes sentem-se incomodados apenas com o fato de terem de matar outro ser vivo; este fato é piorado ainda mais com o fato de terem de matá-lo de forma rápida e descuidada, sem levar em consideração os devidos cuidados necessários para que o animal não sofra. Muitos relatam sentir pena do animal, sentirem-se ansiosos, culpados, envergonhados, com muita dificuldade de encarar o trabalho até o fim do dia, tendo vontade de deixar o mesmo.

A primeira vez que eu matei não foi fácil para mim. Eu senti pena por eles. Eu só senti vontade de fechar meus olhos, virar e fugir. Foi muito triste, mas quanto mais você faz, mais fácil fica. Como ontem, eu tive que matar vacas no curral. Eu escalei a cerca, andei até a vaca e apenas atirei nela. Eu não sinto mais nada. No começo era bem difícil. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 5). (Tradução própria).⁹

Após certo tempo de trabalho no abatedouro - de acordo com os relatos obtidos - o funcionário começa a vivenciar um período que pode ser chamado de confusão emocional, ou seja, pode-se dizer que o trabalhador está passando por uma etapa de adaptação emocional a seu trabalho, onde ainda sente desconforto pelo trabalho que realiza, mas também procura – consciente ou inconscientemente – adquirir indiferença perante o mesmo para que continue a realizá-lo sem o ônus do sofrimento emocional.

⁹ Inglês: The first time when I killed it was not easy for me. I feel pity for it. I felt I just wanted to close my eyes, turn around, and run away. It was really sad but the more you do it the easier it gets. Like yesterday I had to shoot cows in the kraal. I climbed over the fence, walked to the cow, and just shot it. I feel nothing anymore. In the beginning it was very bad. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 5).

Inicia-se aqui o processo inconsciente de evitação, que o afasta de condições aversivas, a fim de permitir que o trabalhador continue a realizar seu trabalho sem os custos do sofrimento. Mais do que acostumar-se com o trabalho, o sujeito tende a tornar-se indiferente ao mesmo, indo contra sua natureza de importar-se com comportamentos violentos voltados a outros seres vivos. Esta indiferença é uma maneira que a psique do sujeito encontrou de manter-se “bem” perante os acontecimentos que este tem de enfrentar diariamente. A indiferença para com outros seres sencientes como forma de proteção pode auxiliar o trabalhador a continuar seu trabalho, no entanto, traz consequências importantes para o humor e comportamento do mesmo.

Além de tornarem-se indiferentes, alguns trabalhadores passam a exibir comportamentos incomuns; alguns passam a divertir-se com o que ocorre em seu ambiente de trabalho; passam a apropriar-se do mesmo e a comportar-se de acordo com o que o ambiente exige: agressividade, violência e indiferença; deixam de levar em conta seus sentimentos em relação ao que estão vivenciando e produzindo; sentem-se dominantes; passam a tratar o animal como um objeto de consumo, negando suas sensações de medo e dor; alguns passam a infligir dor a si mesmos; outros passam a fazer uso de bebidas alcólicas durante e após a jornada de trabalho.

Neste lado do abatedouro, o primeiro, um mês no abatedouro, era muito difícil, mas hoje eu estou muito acostumado. Eu até brinco com o sangue com a minha bota, mexendo em círculos, está realmente mudando as pessoas. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 7). (Tradução própria).¹⁰

Essas alterações de comportamento e humor podem trazer, com o decorrer do tempo, outras consequências para a vida deste trabalhador, em seu âmbito pessoal, familiar e social, como será discutido adiante.

¹⁰ Inglês: On this side of the slaughtering, the first, one month in the slaughterfloor, it was very difficult, but today I'm very used to it. I even play with the blood with my boot, moving around, it's really changing people. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 7).

3. Sufrimento e Estresse Decorrentes do Contato Diário com a Violência

O contato diário com a violência, seja ela presenciada ou infligida pelo próprio trabalhador, faz com que o mesmo apresente sofrimento emocional e estresse, por ter de lidar com situações que não lhes são habituais ou até mesmo naturais. Como dito anteriormente, não é natural para o trabalhador realizar a execução de animais indefesos sem um propósito muito claro. O trabalhador não está abatendo o animal para seu próprio consumo. O propósito do abate em massa realizado por ele está muito distante de seu trabalho imediato para que ele possa relacioná-los e então encontrar um propósito para o que está fazendo.

Além da natureza estressante do trabalho de abater, em muitos relatos trabalhadores dizem que devem manter a linha de produção operando não importa o que aconteça. Assim, outros acontecimentos estressantes são vivenciados por eles ao longo de sua jornada de trabalho. Devem continuar o trabalho mesmo que uma máquina não esteja operando direito; devem continuar o trabalho mesmo que algum animal não tenha sido atordoado direito e seja sangrado e esfolado ainda consciente – o que é muito comum nas linhas de produção; devem maltratar algum animal a fim de não atrasar a linha de produção, devem continuar o trabalho mesmo sentindo dor e cansaço, entre outros.

Trabalhadores que são responsáveis por matar animais rotineiramente observam animais sendo cortados e desmembrados enquanto ainda conscientes, assim como sendo esfolados e fervidos vivos. Hora após hora, dia após dia, os trabalhadores interagem com incontáveis animais em vários estados de medo e dor. (FOOD EMPOWERMENT PROJECT, 2016). (Tradução própria).¹¹

Essa contínua vivência de pressão, violência, sofrimento, dor e estresse, contribui para que surjam no indivíduo comportamentos adaptativos negativos. Estes surgem também como uma maneira de o trabalhador externalizar tudo aquilo que está vivenciando e sentindo.

¹¹ Inglês: Workers who are responsible for killing animals routinely observe animals being cut and dismembered while still conscious, as well as being skinned and boiled alive. Hour after hour, day after day the workers interact with countless animals in various states of fear and pain. (FOOD EMPOWERMENT PROJECT, 2016).

[...] Vi milhares e milhares de vacas passarem pelo processo de abate conscientes... as vacas podem ficar por sete minutos na linha de produção e ainda estar vivas. Já estive em algumas ocasiões no esfolador lateral vendo que elas ainda estavam vivas. [...] E, quando os funcionários que reclamam chegam a ser escutados, com frequência são demitidos. (FOER, 2009, pp. 234).

O ambiente coercitivo produz no sujeito formas de lidar com o mesmo. Estas formas podem ser através da fuga, da esquiva e também do contra controle. Seja qual for a forma encontrada pelo sujeito, todas, neste caso, são negativas para o funcionamento saudável e equilibrado de sua psique, que é cada vez mais acometida por traumas e, conseqüentemente, comportamentos desviantes. Uma ampla gama de novos comportamentos é apresentada pelos trabalhadores afetados, e estes, geralmente resultam em malefícios para o sujeito, por mais que ele se adapte ao trabalho.

Durante as fases iniciais do emprego, funcionários do abatedouro vivenciam uma série de intensificadas emoções negativas. Medo e raiva parecem ser proeminentes em suas reações emotivas para o trabalho no abatedouro. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 5). (Tradução própria).¹²

4. Agressão a Animais do Abate (Frustração e Estresse)

Um dos comportamentos desviantes mais observado nos relatos é o de maus tratos aos animais do abate. Esse tipo de comportamento se inicia após o período de confusão emocional pelo qual o trabalhador passa. A indiferença, que está tomando conta deste trabalhador, possibilita o aparecimento de comportamentos agressivos e violentos. Primeiramente com os animais, podendo ser exibidos em contexto familiar e social também.

Após um período maior de trabalho, os trabalhadores, já confusos emocionalmente e carregados de sofrimento, estresse e frustração, passam a descontar seus incômodos naqueles que acreditam que são “responsáveis” por isso,

¹² Inglês: During the initial phases of employment, slaughterers experience a range of heightened negative emotions. Fear and anger seem paramount in their emotive responses to slaughtering. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 5).

ou seja, os animais. O comportamento de contra controle é direcionado aos animais, pois estes estão mais próximos, são a caracterização do estímulo aversivo. A grande maioria dos relatos encontrados durante a busca são relacionados à maus-tratos dos animais de abate. Parece ser comum em todos os abatedouros – nacionais ou internacionais, pequenos ou grandes – a presença de maus-tratos aos animais.

Em certo momento da pesquisa de campo, perguntei pra um dos trabalhadores se ele não tinha dó de maltratar os animais, ao que ele respondeu: “Como ter dó se são eles que fazem isso comigo? ”. E “isso” referindo-se às condições de trabalho cotidianas do frigorífico. (STEFANUTO, 2014, pp. 493).

Através dos relatos é possível perceber que o trabalhador inicialmente é obrigado a realizar maus-tratos – seja pela natureza de seu trabalho, seja para manter a linha de produção operando - e, após certo período, os maus-tratos passam a aumentar e vir de forma generalizada, como uma maneira de descontar a frustração e o desconforto do trabalho.

Num abatedouro da West Virginia que fornece à KFC, foram documentados funcionários arrancando a cabeça de aves vivas, cuspiendo tabaco em seus olhos, pintando seus rostos com spray e pisando com violência sobre elas. Esse matadouro não era a “maçã podre”, mas um “Fornecedor do Ano”. (FOER, 2009, pp. 75).

Os maus-tratos podem ser vistos como uma forma de contra controle por parte dos funcionários e também como um escape de suas confusões emocionais e de seu estresse; é sabido que as condições aversivas incitam agressão e violência (Sidman, 2000/1989). Dependendo da história de vida do indivíduo e de seu histórico de reforçamento ao longo da vida, o ato de matar pode ser reforçador devido às condições emocionais que estabelecem o dano e a destruição como reforçador, gerando um sujeito que sente prazer neste ato.

Steve Perry [...] parecia ter prazer em abusar de porquinhos recém-nascidos – balançando-os pelas patas, gabando-se de golpear uma porca com uma caneta e arrancando a orelha de outra. (SOLOTAROFF, 2014).

A agressão, que se inicia no trabalho direcionada aos animais, é motivada por outros fatores estressantes – pouco tempo para realizar o trabalho, necessidade de rapidez, cobrança do supervisor, etc. – e então poderá passar para as outras relações deste trabalhador, sociais e familiares, como será discutido mais à frente. A agressividade também é frequentemente associada a problemas psicológicos.

A depender o histórico de vida do indivíduo, seria possível que diante de tamanha violência e aversividade, ele apresentasse um padrão de “desamparo”, comum na depressão, refletindo-se em um padrão de sensações de impotência e baixa iniciativa (Sidman, 2000/1989; Seligman, 1975).

Além de comportamentos agressivos e violentos, foi observado também com bastante frequência nos relatos a incidência de trabalhadores depressivos e ansiosos.

5. Adormecimento Emocional

Depois de passar pelo processo de confusão emocional, onde sensações de desconforto e indiferença alternam-se entre si, o trabalhador atinge um estado que pode ser denominado ‘adormecimento emocional’, ou seja, ele deixa de importar-se com o trabalho que realiza e vivencia todos os dias a fim de continuar com o mesmo, só que sem as demandas emocionais que este acarreta.

Neste momento é possível observar o surgimento ou a re(adaptação) de mecanismos de defesa psicológica, que são desenvolvidos a fim de permitir que o trabalhador continue em sua função sem machucar-se psicologicamente. As defesas psicológicas, na visão da Análise do Comportamento, podem ser caracterizadas como fuga e/ou esquiva do ambiente de trabalho hostil e dos reforçadores negativos presentes nele – estresse, sofrimento, violência, cobranças, etc.

O indivíduo passa a realizar seu trabalho de maneira automatizada, sem prestar atenção ou se dar conta do que ocorre ao seu redor, do tipo de ambiente em que está, do porque de estar fazendo aquilo. Envolve-se em um adormecimento emocional e de consciência, permitindo realizar seu trabalho sem se dar conta do mesmo.

A intensiva e focada produção da indústria da agricultura levou os trabalhadores a suprimir sua “espontânea empatia” pelos animais. (DILLARD, 2008, pp. 9). (Tradução própria).¹³

No entanto, conforme mais adormecido o indivíduo está, mais doente psicologicamente ele se encontra, pois não é natural para o ser humano não ter sentimentos de empatia e de desconforto perante a violência.

[...] Nesse contexto, você perde a noção de tudo: onde está, o que está fazendo, há quanto tempo vem fazendo, o que os animais são, o que você é. Trata-se de um mecanismo de sobrevivência, para impedir que enlouqueça. Mas é, em si, uma loucura. (SOLOTAROFF, 2014).

6. Abuso de Alcool

Parte dos relatos mostram que alguns trabalhadores – se não todos – começam a fazer uso de álcool dentro e fora de seu trabalho, com a justificativa de ser necessário para que suportem a jornada de trabalho e também o tipo de trabalho que realizam. Este comportamento também pode ser visto como um mecanismo de defesa de fuga e esquiva, uma vez que a bebida afasta o sujeito da realidade.

Um antigo abatedor de porcos disse que “muitos abatedores de porcos possuem problemas com álcool. Eles têm de beber, eles não possuem outro jeito de lidar com matar animais vivos e chutando o dia todo. Se você parar para pensar sobre isso, você está matando milhares de seres vivos por dia”. (DILLARD, 2008, pp. 7). (Tradução própria).¹⁴

O consumo de álcool e outras drogas ameniza temporariamente as condições e estados nocivos da vida e da experiência do indivíduo; como solução momentânea, acaba por gerar um ciclo vicioso que o aprisiona na necessidade de quantidades e frequências maiores de drogas para amenizar os estados aversivos e manter sua

¹³ Inglês: The intensive, production-focused nature of factory farming has led workers to suppress their “spontaneous empathy” for the animals. (DILLARD, 2008, pp. 9).

¹⁴ Inglês: One former hog-sticker stated that “a lot of the slaughterhouse hog killers have problems with alcohol. They have to drink, they have no other way of dealing with killing live, kicking animals all day long. If you stop to think about it, you’re killing several thousand beings a day”. (DILLARD, 2008, pp. 7).

capacidade de produção na indústria. Esses padrões podem ser entendidos como fuga e esquiva (Sidman, 2000/1989) que acabam gerando uma necessidade a mais: a de se livrar das condições de abstinência adquiridas com o consumo sistemático de drogas (Silva, Guerra, Gonçalves, Garcia-Mijares, 2001; Garcia-Mijares² e Silva, 2006).

A maioria dos sangradores foi presa por se envolver em assaltos. Grande parte deles tem problemas com álcool. Eles têm de beber, não têm outro meio de aguentar ficar matando o dia inteiro animais agitados, que dão coices... muitos deles... só bebem e tomam drogas para afastar os problemas. Alguns acabam maltratando a esposa porque não conseguem se livrar do que estão sentindo. Saem do trabalho com esse estado de ânimo e vão até o bar para esquecer. (JOY, 2013, pp. 82).

7. Alterações de Comportamento e Humor

Comum em funcionários com certo tempo de serviço, as alterações de comportamento e humor foram observadas em muitos relatos. Após os períodos de confusão emocional – onde apresentam culpa, vergonha e desconforto com relação ao trabalho que realizam – e de adormecimento emocional – onde apresentam indiferença – alguns trabalhadores passam a apresentar comportamentos e humor alterados. De acordo com os relatos, tornam-se agressivos, mau humorados, irritadiços, antissociais e relatam sentir-se superiores, capazes de realizar o que quiserem sem importarem-se com as consequências. É claro aqui os possíveis efeitos que o trabalho em constante contato com a violência – ou seja, com um ambiente coercitivo – pode trazer. Como disse Sidman (2000/1989), “controle coercitivo engendra efeitos colaterais, frequentemente não esperados, que envenenam nossas relações institucionais e sociais cotidianas”.

Em alguns casos, essas alterações negativas de humor podem refletir no comportamento do trabalhador em seu trabalho, como dito anteriormente (na categoria “agressividade a animais do abate”):

No boxe de sangria, eles dizem que o cheiro de sangue deixa você agressivo. E deixa mesmo. Você começa a pensar: se aquele porco me chutar eu vou descontar. De todo modo, já vai matar o porco, mas isso não é suficiente. Ele tem que sofrer... (FOER, 2009, pp.257).

E em outros âmbitos de sua vida, principalmente familiar e social. Relatos demonstram que alguns trabalhadores se tornam violentos e abusivos em casa com seus familiares e em ambientes sociais, onde “procuram” brigar; além disso, relatam também sentir vontade de maltratar animais domésticos. Com base nos relatos encontrados, pode-se dizer que a agressividade e a violência desses trabalhadores podem tornar-se generalizadas, direcionadas a todo e qualquer outro ser vivo ou ser humano que cruze seu caminho.

RP8 relatou como problemas cotidianos em casa, como os animais domésticos, agora irritam ele: “eu posso chutar se eu quiser porque eu mato gados o dia todo. Chutar esse cachorro ou gato para que voem só porque você pode, você não se preocupa, veja, é como se eu precisasse machucar esse outro animal”. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 7). (Tradução própria).¹⁵

Neste outro relato, pode-se observar o quanto a violência – advinda de situações estressantes do trabalho no abate – é direcionada a várias esferas da vida do trabalhador:

Mais proeminente, fadiga e estresse resultantes do trabalho levam a violência e abuso em casa: “Eu tenho temperamento curto. Quando estou em casa sentado sozinho, pensando ‘talvez se você brigar com sua esposa’, o que eu vou fazer sobre isso, eu não tenho mais medo. Eu tenho matado milhares de gados; ei, eu mato 800 ou 900 cabeças de gado, não há nada que irá me impedir de atirar em uma pessoa” (RP10). (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 9). (Tradução própria).¹⁶

¹⁵ Inglês: RP8 narrates how previously normal issues at home, such as the house pets, now easily irritates him: “I can kick it if I want to because I kill cattle every day. Kick this dog or cat so that it flies just because you can, you don’t worry see it feels like I must hurt this other animal”. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 7).

¹⁶ Inglês: More pertinently, fatigue and stress resulting from the work lead to violence and abuse at home: “I’ve got the short temper. When I’m alone sitting, thinking maybe if you could fight with my wife, what am I going to do about it, I’m not afraid anymore. I’m killing thousands of cattle; hey I kill 800 or 900 cattle, it’s nothing that’s gonna stop me to shoot only one person” (RP10). (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 9).

Como argumentamos anteriormente, a submissão a violência constante, agressividade e aversividade podem mobilizar ações agressivas do indivíduo; mas estando em uma condição na qual esta agressividade é simultaneamente mobilizada e reprimida (por não poder agredir seus superiores e outros) esta pode ser canalizada para outros indivíduos sem chance de retaliação, como familiares e outros (Sidman, 2000/1989). Alguém sob violência no trabalho poderia passar a agredir sua esposa e filhos ou ainda outras pessoas com menos chance de defender-se. Nada disso seria necessariamente voluntário, mas uma ação mobilizada pelas condições de vida e trabalho a qual o trabalhador está submetido.

“Você vai para o bar, vê se você encontra pessoas para bater. É complicado para mim, pode influenciar você para que você comece a bater em sua esposa, ataque crianças, coisas assim, chutar animais, machucar animais. Aconteceu comigo”. A raiva é muitas vezes direcionada a seres indefesos e desencadeada por questões triviais com pouca consideração às consequências. (VICTOR, BARNARD, DLITT et PHIL, 2016, pp. 9). (Tradução própria).¹⁷

Um estudo recente da criminologista Amy Fitzgerald – já citado na introdução - aponta para a possível relação entre a existência de abatedouros e o aumento de criminalidade nas cidades onde eles se localizam, principalmente crimes violentos e abusos domésticos. Através do controle de variáveis que poderiam ser causadoras do aumento de violência na cidade, a autora do estudo encontrou – em diversas cidades dos Estados Unidos – a relação entre a presença de abatedouros nas cidades e consequentemente o aumento nas taxas de criminalidade das mesmas. A autora explica que estudos mais profundos sobre essa temática são necessários, a fim de investigar quais são as exatas relações entre o trabalho de abate e a violência generalizada. No entanto, através dos relatos, é possível compreender a relação encontrada pela autora.

Um ambiente coercitivo trará consequências para aqueles que o frequentam, e este pode ser o caso dos abatedouros. Seus funcionários têm de lidar diariamente

¹⁷ Inglês: “You go to the shebeen, see if you can find people to beat up. It is complicated to me, it can influence you so that you start beating your wife, assault children, such things, kick animals, hurt animals. It happened to me”. Anger is often directed at defenceless others and triggered by trivial reasons with little regard to the consequences thereof. (VICTOR, BARNARD, DLITT et PHIL, 2016, pp. 9).

com situações violentas que não são habituais para o ser humano, que vão contra seu instinto natural de incomodar-se com a violência. A violência presente nesse ambiente ajuda a despertar nos trabalhadores a necessidade de proteger-se, e eles o fazem através dos recursos psicológicos que possuem – a depender de sua história de vida – através da fuga, da esquiva, do desamparo e, como observado, através do contra controle – respondendo à violência vivida com mais violência.

8. Isolamento Social

Em alguns relatos foi possível observar que, por vezes, os trabalhadores de abate podem tornar-se isolados socialmente devido ao estigma ligado ao seu trabalho. Um trabalho ligado à violência não é bem visto pela sociedade, justamente pelo fato de não ser habitual para o ser humano – como dito anteriormente - ter de lidar com a violência de maneira natural e despreocupada. Muitos funcionários relatam que evitam dizer onde trabalham pois imediatamente as pessoas já se tornam desconfiadas e receosas em relação a eles. Além disso, alguns relatos indicam que os trabalhadores responsáveis por sangrar o animal são pessoas esquivas e de difícil contato.

Tamanha desaprovação social e respostas negativas por parte da família, amigos e até colegas de trabalho exacerbam os sentimentos de culpa e vergonha dos trabalhadores, fazendo com que eles se sintam socialmente rejeitados, incompreendidos e estereotipados. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 9). (Tradução própria).¹⁸

Para além do estigma ligado ao trabalho, aqueles trabalhadores que desenvolvem um comportamento mais agressivo, passam a sê-lo com aqueles que compõe seu círculo social e familiar, o que acaba por afastá-los socialmente também. Ainda, outro fator pode contribuir para o afastamento do trabalhador de seu círculo social e familiar: as dores físicas decorrentes do trabalho manual, pesado e repetitivo, com longas jornadas de trabalho e pouco descanso. A grande maioria dos trabalhadores de abate e frigorífico são acometidos por problemas de saúde advindos

¹⁸ Inglês: Such social disapproval and negative responses from family, friends, and even coworkers exacerbate the slaughterers' feelings of shame and guilt and result in them feeling socially rejected, misunderstood, and stereotyped. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 9).

do seu trabalho, tornando-os sujeitos mais reclusos, quietos, e por vezes impossibilitados de realizarem tarefas simples do dia a dia.

A restrição do contato social pode ter efeitos por si só na produção de padrões depressivos e diminuição na qualidade e iniciativa do contato social posterior (como nos modelos experimentais de depressão de isolamento social, Hunziker, 2005). O isolamento social pode prejudicar ainda mais a psique do trabalhador, que já se encontra adoecida pelo seu trabalho.

Contrário ao isolamento social, trabalhadores que possuem o apoio e conforto de amigos e familiares, relatam conseguir realizar seu trabalho sem ser tão acometidos negativamente por ele.

Além de praticar suas crenças religiosas, trabalhadores engajam-se em táticas construtivas de lidar com o trabalho através do apoio familiar e de amigos (estruturas sociais de suporte), bem como tempo livre construtivo e outras atividades. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 8). (Tradução própria).¹⁹

9. Dor Física e Estresse

Outra incidência muito marcante não só nos relatos, mas na literatura como um todo, foi a presença da dor física e de problemas de saúde, devido as longas jornadas de trabalho e aos movimentos repetitivos realizados por horas. Há muitos artigos e depoimentos relatando as diversas consequências físicas que este trabalho traz à saúde de seu funcionário. Trabalhadores da indústria da carne permanecem muito pouco tempo em seus trabalhos devido aos problemas de saúde que os acometem. A utilização de medicamentos por parte desses trabalhadores é muito grande, bem como a presença de farmácias nas cidades que hospedam abatedouros e frigoríficos.

¹⁹ Inglês: Apart from practicing their religious beliefs, participants engage in constructive coping tactics by relying on family, friends (social support structures), as well as constructive leisure time and activities. (VICTOR, MA & BARNARD, DLITT et PHILL, 2016, pp. 8).

As taxas de adoecimento e ferimentos dos trabalhadores foi mais alta em abatedouros do que em qualquer indústria pelo “grande último quarto do século vinte”. (Broadway and Stull, 2008). (Tradução própria).²⁰

Esses elementos – dor física e estresse - tão presentes na população de trabalhadores de abatedouros e frigoríficos, fazem parte das consequências do tipo de trabalho realizado nesses ambientes. A dor também desencadeia consequências psicológicas, não somente o estresse, como raiva, agressividade, impaciência, entre outras. Sendo assim, estes podem ser considerados importantes fatores que contribuem para o adoecimento psicológico do trabalhador dessa indústria, o que reflete diretamente em seu trabalho e em sua vida pessoal, familiar e social.

10. Incidência de Transtornos Mentais

A literatura encontrada relata grande incidência de transtornos mentais na população de trabalhadores dessa indústria, principalmente entre os trabalhadores de abate e frigorífico. Evidências foram encontradas nos mais diversos estudos e reportagens. Os transtornos mais encontrados foram relacionados à ansiedade, à depressão, e ao comportamento anti-social, como se pode ver na matéria do site Repórter Brasil: no abate de aves, a chance de um trabalhador desenvolver um transtorno de humor, como uma depressão, é 3,41 vezes maior. (Repórter Brasil, 2012); e no artigo de HUTZ, ZANON e NETO (2013): [...] trabalhadores de abatedouros (setor de produção) tiveram altos níveis de depressão, ansiedade, desajustamento e vulnerabilidade²¹.

Fica claro que as condições de trabalho em abatedouros e frigoríficos é prejudicial à saúde física e mental dos funcionários que lá trabalham. O trabalhador encontra-se vulnerável a diversas condições adversas que podem afetá-lo de forma física ou mental, ou até mesmo das duas formas concaminadamente. A presença de todos os eventos já descritos acima pode fazer com que o trabalhador acabe por

²⁰ Inglês: The illness and injury rate of workers was higher in slaughterhouses than in any other industry for “much of the last quarter of the twentieth century”. (Broadway and Stull, 2008).

²¹ Inglês (Estados Unidos): [...] workers of the slaughterhouses (production sector) had high levels of depression, anxiety, disadjustment, and vulnerability. (HUTZ, ZANON, NETO, 2013 pp. 303) (Tradução própria).

desenvolver algum transtorno de humor, o que só irá prejudicá-lo ainda mais. A presença de trabalhadores com transtornos de humor na indústria da carne é superior a qualquer outra indústria que demande um trabalho difícil e cansativo.

Os trabalhadores de abatedouros apresentaram maiores médias de depressão, ansiedade e vulnerabilidade do que outros trabalhadores que trabalhavam em condições estressantes também. É possível assumir que as condições de trabalho em abatedouros são extremamente adversas e expõe os trabalhadores a maiores riscos psicopatológicos. (HUTZ, ZANON, NETO, 2013, pp.303). (Tradução própria).²²

Além desses achados, em muitos estudos – que se deram em campo - foi predominante a afirmação de trabalhadores que já pensaram ou já tentaram cometer suicídio.

Foi encontrado que 97 trabalhadores da linha de produção de abatedouros (10.2%) assinalaram “7” para o item 35 do NFS que diz: “eu já tentei cometer suicídio”; 66 trabalhadores (8%) assinalaram “7” para o item 39: “eu já disse para outras pessoas que eu iria cometer suicídio”; 106 trabalhadores (11%) assinalaram “7” para o item 69: “as vezes eu tenho ataques de raiva em que eu machuco a mim mesmo”. (HUTZ, ZANON, NETO, 2013, pp.303). (Tradução própria).²³

Pode-se perceber assim que, a exposição dos trabalhadores às diversas condições aversivas do ambiente de trabalho, podem fazer com que o mesmo desenvolva características comportamentais e de humor que o prejudiquem psicologicamente. Como dito anteriormente, a aparição de um transtorno de humor, de acordo com a Análise do Comportamento, pode ser relacionada a um movimento

²² Inglês: The workers of the slaughterhouses had higher averages of depression, anxiety and vulnerability than other employees who worked in stressful conditions. It is plausible to assume that the working conditions in slaughterhouses are extremely adverse and expose workers to high risks of psychopathologies. (HUTZ, ZANON, NETO, 2013, pp.303).

²³ Inglês: It was found that 97 workers of the production line of the slaughterhouses (10.2%) marked “7” for item 35 of the NFS wich says: “I have already tried to commit suicide”; 66 workers (8%) marked “7” for item 39: “I have already told other people that i would commit suicide”; 106 workers (11%) marked “7” for item 69: “Sometimes i have fits of rage in wich i wound myself”. (HUTZ, ZANON, NETO, 2013, pp.303).

de fuga, esquiva, desamparo ou contra controle por parte do trabalhador, a fim de lidar com o trabalho que realiza todos os dias.

Além dos dados de incidência de depressão e ansiedade foram encontrados dados que indicam a característica antissocial desses trabalhadores – ou até mesmo a aparição desta conforme o tempo de trabalho. O desenvolvimento do transtorno de conduta e do comportamento antissocial²⁴ pode estar relacionado à maior incidência de criminalidade em cidades que possuem abatedouros e frigoríficos (FITZGERALD, 2009). Outro transtorno muito presente entre essa população de trabalhadores é o Transtorno de Estresse Pós Traumático.²⁵

Desta maneira, pode-se concluir que as características hostis, estressantes e violentas do ambiente de trabalho de abatedouros, podem gerar no indivíduo que trabalha neste ambiente diversos efeitos adversos, que devem ser melhor estudados e compreendidos a fim de compreendermos quais são as alternativas a esse modo de operação para que o trabalhador não adoça e, com isso, torne-se um indivíduo socialmente deslocado e traumatizado.

²⁴ Anti-Social Disorder: A pervasive pattern of disregard for and violation of the rights of others, occurring since age 15 years, as indicated by three (or more) symptoms. (DSM-V).

Conduct Disorder: A repetitive and persistent pattern of behavior in which the basic rights of others or major age-appropriate societal norms or rules are violated, as manifested by the presence of at least three of the 15 criteria in the past 12 months from any of the categories, with at least one criterion present in the past 6 months. (DSM-V).

²⁵ O transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) é um distúrbio da ansiedade caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas físicos, psíquicos e emocionais em decorrência de o portador ter sido vítima ou testemunha de atos violentos ou de situações traumáticas que, em geral, representaram ameaça à sua vida ou à vida de terceiros. (Drauzio Varella, 2011).

4. DISCUSSÃO

Com base nos resultados que foram encontrados, é possível inferir que o trabalho realizado na indústria da carne acarreta sim em prejuízos físicos e psicológicos para seu trabalhador. Pôde-se observar um padrão de efeitos que esse tipo de trabalho pode causar em seu trabalhador; e foi possível inclusive estabelecer um padrão de evolução das consequências ligadas a esse tipo de trabalho. Os mais diversos efeitos que esse trabalho pode acarretar em seu trabalhador são responsáveis por produzir um indivíduo adoecido – física e psicologicamente.

Embora esses efeitos possam ter sido esclarecidos - através da extensa leitura de artigos, reportagens e relatos - pouco se sabe a respeito de como os mesmos se iniciam e qual a relação específica destes com o trabalho realizado na indústria. Assim, surgem questões que devem ser respondidas através de mais pesquisas, mais profundas e mais ligadas ao adoecimento psíquico do trabalhador. Perguntas como as seguintes poderiam ajudar na compreensão de tais relações: Quanto desses trabalhadores do abate tornam-se indiferentes à violência e, com isso, adquirem um comportamento agressivo? Do outro lado, o quanto este tipo de trabalho atrai pessoas já com tendências agressivas e antissociais? O que o trabalho realizado através da violência pode gerar no indivíduo? Qual a extensão das consequências desse tipo de trabalho na vida do trabalhador? Esses são questionamentos legítimos, importantes de serem respondidos para que se compreenda melhor quem é o trabalhador desta indústria e como o trabalho o afeta.

Para além do questionamento das consequências trazidas por esse trabalho, é importante nos questionarmos sobre o funcionamento dessa indústria como um todo e o que ela acarreta, não só para os animais e funcionários nela presentes, mas também para a população que consome seus produtos. Concordamos com o tipo de criação de animais que essas indústrias realizam? Aceitamos o modo como a indústria trata seus trabalhadores? Toleramos os adoecimentos que acometem os sujeitos que advêm dessa indústria? Devemos permitir que uma indústria suscite esse tipo de comportamento nas pessoas, em seus trabalhadores? Qual é a relação de custo-benefício dessa indústria se levarmos em consideração os males que ela traz? Como dito no início deste trabalho, as questões que a indústria da carne suscita podem ser abordadas através de diferentes enfoques. No entanto, devemos nos lembrar que ela

opera como um todo, e que uma característica da indústria é consequência da outra, envolvendo assim diversos espectros do mundo no qual vivemos: o meio ambiente, os animais, os trabalhadores, os consumidores e os produtos que ela promove.

Compreende-se que a análise de relatos de pesquisas de terceiros não é um dado plenamente confiável, no entanto, essa análise permitiu-nos observar que há relação entre um trabalho violento e consequências adversas para aqueles que o realizam. A fim de compreender melhor este fenômeno, é interessante que se realize mais pesquisas sobre a temática, diretamente com aqueles que trabalham nessa indústria – principalmente com trabalhadores de abatedouros e frigoríficos. Através dessas pesquisas, é interessante que se descubra a cadeia de reforçamento negativo envolvida no trabalho do abate para que se possa identificar com clareza os comportamentos advindos desse ambiente coercitivo. A análise do comportamento parecer ser uma interessante ferramenta para realizar a análise desse meio, pois ela poderá identificar exatamente quais são as relações estabelecidas e que se estabelecem com o tempo na indústria da carne. Ainda assim, seria importante que outras propostas teóricas fossem utilizadas, na tentativa de descrever e identificar riscos às pessoas engajadas neste tipo de atividade de trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito no início do trabalho, a pesquisa original – que se daria em campo - foi impossibilitada devido as dificuldades encontradas em entrar em contato com funcionários de abate. Sendo assim, a presente pesquisa foi realizada com base em relatos coletados em diversos trabalhos que se deram em campo. Este tipo de pesquisa tem certos limites pois se está analisando dados de uma pesquisa já realizada e não dados próprios. Além disso, seria interessante ter dados nacionais sobre os funcionários de abate, já que a maioria das informações encontradas foram de abatedouros internacionais, principalmente nos Estados Unidos.

Seria ideal que uma pesquisa de campo fosse realizada para que se conhecesse mais profundamente o perfil do trabalhador brasileiro de abate, bem como as consequências psíquicas do trabalho realizado por ele. Como a ideia original da pesquisa era ser realizada com esses trabalhadores, um método foi elaborado e será brevemente apresentado aqui (o método completo encontra-se no Anexo B, ao final deste trabalho).

O método consiste em duas etapas, que foram nomeadas “Estudo 1” e “Estudo 2”. A quantidade de participantes deve ser de no mínimo 30 para que a pesquisa seja estatisticamente confiável. No Estudo 1 o objetivo é realizar a aplicação de três ferramentas na quantidade total de participantes: uma ficha sociodemográfica que foi elaborada especialmente para a pesquisa, e duas ferramentas de análise psicológica – a Escala Beck de Depressão e a Escala Beck de Ansiedade. Com base nesses dados seriam feitas análises e então selecionados 6 participantes – 2 que apresentassem níveis de depressão maiores que a média da população; 2 que apresentassem níveis de ansiedade maiores do que a média da população; e 2 que não tivessem apresentado nenhuma alteração significativa de humor. A partir desse momento se iniciaria o Estudo 2, onde os 6 participantes selecionados seriam entrevistados (Entrevista Reflexiva elaborada para esta pesquisa) e passariam pela aplicação do Teste de Roschach, a fim de obter dados mais subjetivos sobre eles e sobre o trabalho que realizam. A partir dos dados obtidos se realizaria uma análise, que mais tarde seria cruzada com a análise realizada com os dados obtidos no Estudo 1. Acredita-se que o método elaborado cobriria diversos aspectos importantes de

serem investigados, tanto quantitativos como qualitativos. O método completo se encontra no Anexo 2 deste trabalho, juntamente com a ficha sociodemográfica.

É importante que mais pesquisas sejam realizadas acerca dessa temática para que se compreenda mais profundamente quais as consequências do trabalho cuja função é abater seres vivos de forma violenta e também as consequências do trabalho que é ligado diretamente à violência. Com base nas informações encontradas na revisão bibliográfica pode-se afirmar que há consequências na realização desse tipo de trabalho, tanto físicas quanto psicológicas. No entanto, é necessário que se obtenha mais informações a respeito do trabalhador no Brasil - onde a literatura sobre a temática é muito escassa – e das consequências psicológicas desse trabalho, pois as físicas já são bem descritas pela literatura já existente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Marcia. **Saúde do Trabalhador** - Criação e produção de animais de laboratórios. Rio de Janeiro, 1998.

EISNITZ, G. A. **Slaughterhouse: the shocking story of greed, neglect, and inhumane treatment inside the U.S. meat industry**. New York: Prometheus, 1997.

FITZGERALD, A.; KALOF, L.; DIETZ, T. **Slaughterhouses and Increased crime rates: an empirical analysis of the pillover from “The Jungle” into the surrounding community**. Organization and Environment. Califórnia, 2009.

FOER, J. S. **Comer animais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

JOY, M. **Porque amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas**. São Paulo: Cultrix, 2013.

NARDI, H. **Saúde do trabalhador**. In: CATTANI, A. (org.). Trabalho e tecnologia, dicionário crítico. Petrópolis/Porto Alegre: Vozes/Ed. Universidade, 1997.

PEDROSA, F. et al. **Condições de trabalho e ocorrência de acidentes: estudo de caso em um matadouro bovino de Roraima**. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, Maturidade e Desafios da Engenharia de Produção: competitividade das empresas, condições de trabalho, meio ambiente. São Carlos, 2010.

STEFANUTO, M. **Quando ainda não é carne: sobre abate, humanos e animais em um frigorífico do interior paulista**. In: Anais do Seminário de Antropologia da UFSCAR. São Paulo: UFSCAR, 2014.

Sites

BARMAK, Sarah. **Probing the link between slaughterhouses and violent crimes**. Disponível em: <https://www.thestar.com/news/insight/2010/05/14/probing_the_link_between_slaughterhouses_and_violent_crime.html>. Acesso em: 25/05/2016.

BARROS Carlos Juliano. **Com três acidentes graves apenas neste ano, JBS Friboi é alvo de ações milionárias que denunciam falta de segurança para trabalhadores nos frigoríficos**. Disponível em: <<http://acidentesfriboi.webflow.io/>> Acesso em: 30/05/2015.

CARNE E OSSO. [Documentário]. Direção de Caio Cavechinni e Carlos Juliano Barros. Produção de Maurício Hashizume. Brasil, Repórter Brasil, 2011. Disponível no site Youtube.

CHAVES, Fabio. **Brasil mata 1 boi, 1 porco, e 180 frangos por segundo, de acordo com dados oficiais do IBGE**. Disponível em: <<https://vista-se.com.br/brasil-mata-1-boi-1-porco-e-180-frangos-por-segundo-de-acordo-com-dados-oficiais-do-ibge/>>. Acesso em: 25/05/2016.

DILLARD, Jennifer. **A Slaughterhouse Nightmare: Psychological Harm Suffered by Slaughterhouse Employees and the Possibility of Redress through Legal Reform**. Georgetown Journal on Poverty Law & Policy, Forthcoming. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=1016401>>. Acesso em: 28/06/2015.

FERDMAN, Roberto A. **'I had to wear pampers': the cruel reality the people who bring you cheap chicken allegedly endure**. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2016/05/11/i-had-to-wearpampers-many-poultry-industry-workers-allegedly-cant-even-take-bathroom-breaks/>> Acesso em: 25/05/2016.

FITZGERALD, A. **A social history of the slaughterhouse: from inception to contemporary implications**. Human Ecology Review, 2010. Disponível em: <http://foodethics.univie.ac.at/fileadmin/user_upload/inst_ethik_wiss_dialog/Fitzgerald A. 2010. A Social History of the Slaughterhouse.pdf> Acesso em: 30/05/2015.

FOOD EMPOWERMENT PROJECT. **Slaughterhouse workers**. Disponível em: <<http://www.foodispower.org/slaughterhouse-workers/>>. Acesso em: 24/05/2016.

HECK, F. **Territórios da degradação do trabalho: a saúde do trabalhador em frigorífico de aves e suínos em Toledo oeste do Paraná**. Hygeia, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/20878>> Acesso em: 01/07/2015.

HUTZ, Claudio Simon; ZANON, Cristian; BRUM NETO, Hermindo. **Adverse working conditions and mental illness in poultry slaughterhouses in Southern Brazil**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722013000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21/05/2016.

IBGE. **Indicadores IBGE: estatística da produção pecuária**. 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/abate-leite-couro-ovos_201504_publicacao_completa.pdf> Acesso em: 25/05/2016.

IHU ONLINE: **A “moderna” indústria brasileira da carne. Produção à custa da saúde e da vida dos trabalhadores**. Entrevista especial com Siderlei de Oliveira: entrevista. Rio Grande do Sul, 2013. Entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos.

LEWIS, Cora. **America's Largest Meat Producer Averages One Amputation Per Month**. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/coralewis/americas-largest-meat-producer-one-amputation-per-month?utm_term=.mf60Vm7ley#.qiKKkzYE0R>. Acesso em: 25/05/2016.

LOPES, Reinaldo José. **Abate sem dor na consciência**. Disponível em: <http://www.folhadofazendeiro.com.br/editoria/ver?noticia_id=2705>. Acesso em: 24/05/2016.

_____. **Abate sem dor na consciência**. Disponível em: <http://www.folhadofazendeiro.com.br/editoria/ver?noticia_id=2705> Acesso em: 30/05/2015.

MCWILLIAMS James. **Slaughterhouse 1,100: The Emotional Impact of Killing Animals**. Disponível em: < <http://james-mcwilliams.com/?p=341>>. Acesso em: 25/05/2016.

MEAT THE TRUTH. [Documentário]. Direção e Produção de Karen Soeters e Gertjan Zwanikken. Nova Zelândia, Nicolaas G. Pierson Foundation, 2008.

PORCHER, Jocelyne. **"Você liga demais para os sentimentos" "Bem-estar animal", repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas**. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21/05/2016

PORTAL BRASIL. **Brasil estabelece novas regras de saúde e segurança para o trabalho em frigoríficos**. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2013/04/brasil-estabelece-novas-regras-de-saude-e-seguranca-para-o-trabalho-em-frigorificos/>> Acesso em: 24/05/2016.

_____. **Ministério da Agricultura promove treinamento para abate animal**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2011/04/ministerio-da-agricultura-promove-treinamento-para-abate-animal>>. Acesso em: 24/05/2016.

REPÓRTER BRASIL. **“Moendo Gente” mostra condições de trabalho nos frigoríficos do Brasil**. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2012/09/quot-moendo-gente-quot-mostra-as-condicoes-de-trabalho-nos-frigorificos-do-brasil/>> Acesso em: 30/05/2015.

REVISTA FÓRUM. **Sindicato vence maior ação por danos morais da história**. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/2014/11/25/sindicato-vence-maior-acao-por-danos-morais-da-historia/>>. Acesso em: 24/05/2016.

SANTINI, Daniel. **Violência crua, um flagrante de trabalho infantil em matadouro**. Disponível em: < <http://meiainfancia.reporterbrasil.org.br/violencia-crua-um-flagrante-de-trabalho-infantil-em-matadouro/>>. Acesso em: 28/05/2016.

SARRES, Carolina. **Ministério do Trabalho regulamenta atividade dos trabalhadores em frigoríficos e abatedouros**. Disponível em: < <http://agencia-brasil.jusbrasil.com.br/noticias/100464413/ministerio-do-trabalho-regulamenta-atividade-dos-trabalhadores-em-frigorificos-e-abatedouros>>. Acesso em: 24/05/2016.

SCOTT, C. **From slaughterhouse worker, to Vegan. A strange journey: depoimento**. Nova Zelândia, 2010. Depoimento concedido por meio do Facebook.

SECRETARIA DA SAÚDE. **História, documentos e fatos sobre a saúde do trabalhador**. Disponível em: <<http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/print.php?conteudo=323>>. Acesso em: 25/05/2016.

SEVERO, Leonardo Wexell. **Ritmo intenso, gestos repetitivos, jornadas extenuantes. A dura realidade nos frigoríficos brasileiros.** Rio Grande do Sul. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/44400-ritmo-intenso-gestos-repetitivos-jornadas-extenuantes-a-dura-realidade-nos-frigorificos-brasileiros>>. Acesso em: 24/05/2016.

_____. **JBS Friboi: quando o dinheiro público financia a dor nos frigoríficos.** Disponível em: < <http://cut.org.br/noticias/jbs-friboi-quando-o-dinheiro-publico-financia-a-dor-nos-frigorificos-2f23/>>. Acesso em: 24/05/2016.

_____. **JBS Friboi: quando o dinheiro público financia a dor nos frigoríficos.** Disponível em: <<http://www.cut.org.br/noticias/jbs-friboi-quando-o-dinheiro-publico-financia-a-dor-nos-frigorificos-2f23/>> Acesso em: 30/06/2015.

SMANIOTTO, Ângelo. **Bem-estar produz carne com mais qualidade.** Disponível em: <http://www.folhadofazendeiro.com.br/editoria/ver?noticia_id=2642>. Acesso em: 24/05/2016.

SOLOTAROFF, P. **Nas estranhas da besta: um retrato dos horrores da indústria da carne.** Revista Rolling Stones, 2014. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/industria-da-carne-crueldade-nas-entranhas-da-besta/>> Acesso em: 30/06/2015.

SPENCER LO. **Creating killers: human tolls of slaughter.** Disponível em: <<https://animalblawg.wordpress.com/2013/03/14/human-tolls-of-slaughter/>>. Acesso em: 25/05/2016.

TOKARNIA, M. **Cresce no Brasil interesse pelos cuidados na criação de animais antes do abate.** Agência Brasil, 2012. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-12-24/cresce-no-brasil-interesse-pelos-cuidados-na-criacao-de-animais-antes-do-abate>> Acesso em: 30/06/2015.

VASCONCELLOS, Marly de Cerqueira; PIGNATTI, Marta Gislene; PIGNATI, Wanderlei Antonio. **Emprego e acidentes de trabalho na indústria frigorífica em áreas de expansão do agronegócio.** Mato Grosso, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29492>>. Acesso em: 01/07/2015.

VIALLI., Andrea. **Carne “sustentável”. Bem-estar do animal, respeito ao ambiente e aos direitos trabalhistas.** Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/14222-carne%60sustentavel%60-bem-estar-do-animal-respeito-ao-ambiente-e-aos-direitostrabalhistas>>. Acesso em: 24/05/2016.

VICTOR, Karen; BARNARD, Antoni. **Slaughtering for a living: A hermeneutic phenomenological perspective on the well-being of slaughterhouse employees.** International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being, 2016. Disponível em: <<http://www.ijqhw.net/index.php/qhw/article/view/30266>>. Acesso em: 23/05/2016.

WORLD ANIMAL PROTECTION. **Abate Humanitário: Reduzimos o Sofrimento dos Animais**. Disponível em:

<<http://www.worldanimalprotection.org.br/nossotrabalho/animais-de-producao/abate-humanitario-reduzimos-o-sofrimento-dos-animais>> Acesso em: 30/06/2015.

WROBLESKI, Stefano. **Ministério do trabalho assina norma que regulamenta trabalho em frigoríficos e abatedouros**. Disponível em:

<<http://reporterbrasil.org.br/2013/04/norma-que-regulamenta-trabalho-em-frigorificos-e-abatedouros-e-assinada/>> Acesso em: 30/06/2015.

ANEXO A: Artigos , Reportagens e Livros

I. ARTIGOS

- 1. DILLARD, Jennifer. A Slaughterhouse Nightmare: Psychological Harm Suffered by Slaughterhouse Employees and the Possibility of Redress through Legal Reform. Georgetown Journal on Poverty Law & Policy, Forthcoming. Disponível em: SSRN: <<http://ssrn.com/abstract=1016401>>. Acesso em: 28/06/2015.**

- Because of the rise in standard kill rates, workers are pressured to kill more quickly and therefore become sloppy. (Donna Mo, Comment: unhappy cows and unfair competition: using unfair competition laws to fight farm animal abuse, 52 UCLA L. Ver. 1313, 1318 – 2005) PP. 4.

- The animals killed in American slaughterhouses do not experience a painless death, and the slaughterhouse workers watch – and are implicated in – the gruesome deaths of thousands of animals every week. PP.5

- In this country, we have a common understanding that taking pleasure in the cruel death of a helpless animal is an antisocial and potentially psychotic characteristic. The countless stories of slaughterhouse employees inflicting pain on animals “just for fun” indicate that the nature of the slaughterhouse work may have caused psychological damage to the employees, because the employees’ actions certainly rise to the level of abnormal cruelty that would cause concern among the general population. PP.6

- The anecdotal literature on slaughterhouse workers offers ample evidence of PITS symptoms. For example, recurring dreams regarding the violent act are a symptom of PITS. Virgil Butler recalled having nightmares of chickens and reported a fellow worker being “hauled off to the mental hospital” for severe recurring dreams. This adversal psychological impact is also evidenced by the increased usage of alcohol and drugs

among slaughterhouse workers. PP.7. (obs: PITS – perpetration induced traumatic stress).

- One former hog-sticker stated that “a lot of the slaughterhouse hog killers have problems with alcohol. They have to drink, they have no other way of dealing with killing live, kicking animals all day long. If you stop to think about it, you’re killing several thousand beings a day”. PP.7.

- The worst thing, worse than the physical danger, is the emotional toll. If you work in the stick pick for any period of time, you develop na atitude that lets you kill but doesn’t let you care [...] pigs down on the kill floor have come up and nuzzled me like a puppy. Two minutes later i had to kill them – beat them to death with a pipe. I can’t care. (Ed Van Winkle, hog-sticker at Morell slaughterhouse plant, Sioux city, Iowa). PP.8.

- Doubling: duas faces do indivíduo como mecanismo de defesa. Após relato: This ex-slaughterhouse worker describes the “doubling” psychological mechanism [...] The worker’s naturel self identifies with the pig and recognizes it as an animal worthy of affection and care, but the worker’s other self – the self developed to work in the slaughterhouse – kills the pig, literally unable to care about the animal. PP.8.

- The intensive, production-focused nature of factory farming has led workers to suppress their “spontaneous empathy” for the animals [...]. PP.9.

- [...] The farmers’ empathy and identification with these animals is significantly lower than the empathy and identification expressed by the general population. [...]. PP.9.

- This lowered ability to empathize with weaker creatures may cause the slaughterhouse workers to be more likely to commit violent crimes, particularly against women and children. PP.9.

- Amy J. Fitzgerald found that counties with slaughterhouses have higher arrest levels for sex offenses and more frequente reports of murder, rape, robbery, aggravated

assault, burglary, larceny and arson. This study also found that, compared with other industries, the slaughterhouse industry has more significant effect on community crime rates. PP.10.

- Furthermore, the slaughterhouse work violates the natural tendency of a person to avoid the direct killing of an animal. One study found that 85% of the meat-eating participants stated that they could not kill an animal to obtain meat. This overwhelmingly common aversion to killing suggests that the slaughterhouse employment causes a majority of the employees to violate their natural preference against killing. By habitually violating one's natural preference against killing, the worker very likely is adversely psychologically impacted. PP.11.

- Another time, there was a live hog in the pit. It hadn't done anything wrong, wasn't even running around the pit. It was just alive. I took a chunk of pipe and I literally beat the hog to death. Couldn't have been a two-inch piece of solid bone left in his head [...] It was like I started hitting the hog and I couldn't stop. And when I finally did stop, I'd expended all this energy and frustration, and I'm thinking, what in God's name did I do? (Eisnitz, supra note 24, at 93-94) PP. 13.

2. FITZGERALD, A. A social history of the slaughterhouse: from inception to contemporary implications. *Human Ecology Review*, Ontario - Canada, vol. 17, No. 1, 2010.

<http://foodethics.univie.ac.at/fileadmin/user_upload/inst_ethik_wiss_dialog/Fitzgerald__A._2010._A_Social_History_of_the_Slaughterhouse.pdf> Data de acesso: 30/05/2015.

- The illness and injury rate of workers was higher in slaughterhouses than in any other industry for "much of the last quarter of the twentieth century" (Broadway and Stull, 2008). PP. 64.

- In his book detailing the changes in animal agriculture since 1950, Marcus laments that "While stories of work-related tragedies at slaughterhouses are commonplace, the impact that the facilities have on communities is very bit as disturbing" (2005, 226).

These impacts include housing shortages, increased demand for social assistance, and an increase in crime (Broadway, 2000; Stull and Broadway, 2004). PP. 65.

- Counties with growth in the meat packing also experienced faster growth in the violent crime rates over the decade relative to counties without packing plants. (Artz, Orazem, Otto, 2007). PP. 65.

- The authors find that slaughterhouse employment is related to increases total arrest rates, arrests for violent crimes, rape, and other sex offenses. They also find that these relationships are unique when compared to other manufacturing industries. (Fitzgerald, Kalof and Dietz, 2009). PP. 65.

- The findings of the community case studies and the quantitative studies in combination provide evidence that modern slaughterhouse communities are experiencing higher levels of violent crime in particular than other communities. PP. 65.

3. HECK, F. Territórios da degradação do trabalho: a saúde do trabalhador em frigorífico de aves e suínos em toledo oeste do Paraná. Hygeia, v. 9, n. 16, p. 48-66, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/20878>> Data de acesso: 01/07/2015.

- As atividades laborais em frigoríficos no Brasil e no mundo tem se pautado em condições de trabalho que cobram destreza e rapidez para realizar os cortes dos animais nas linhas de produção. A grande quantidade de movimentos repetitivos realizados pelos trabalhadores tem resultado em inúmeras Lesões Por Esforço Repetitivo (LER) [...] Também tem crescido o número de casos com relação aos transtornos mentais que perfazem alto percentual de afastamentos de trabalhadores desse setor conforme atestam várias publicações do MPT. PP.53

- Através do relatório denominado “Análise das Condições de Trabalho em Áreas de Aves de Aves e Suínos, do Frigorífico de Videira da Empresa Perdigão Agroindustrial S/A, do Estado de Santa Catarina”, constatou-se que no universo de 1.546 entrevistados: 1) 68,1% manifestaram sentir dores causadas pelo trabalho na área de aves, e 65,3% na área de suínos; [...] 3) 24% dos trabalhadores manifestam dormir

mal no setor de aves e 33,18% no setor de suínos; 4) 49,64% dos trabalhadores dizem se sentir nervosos no setor de aves e 50,43% no setor de suínos; 5) 12,26% manifestaram que já pensou em acabar com a própria vida no setor de aves e 13,46% no setor de suínos (Ação Civil Pública nº137-2009, p.29-30). PP. 56.

- [...] o Projeto Integrado de Saúde do Trabalhador Avícola (PISTA) [...] procurou entender o que sentem os trabalhadores com relação as condições de trabalho em frigoríficos avícolas. Foram realizados 1.200 questionários em 12 empresas do setor. Os resultados alcançados apontaram que cerca de 80% dos entrevistados fazem uso de analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos e pelo menos 20% utiliza remédios de tarja preta. PP. 56.

4. HUTZ, Claudio Simon; ZANON, Cristian; BRUM NETO, Hermindo. Adverse working conditions and mental illness in poultry slaughterhouses in Southern Brazil. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre , v. 26, n. 2, p. 296-304, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000200009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 21 de Maio de 2016.

- Besides the notable economic success achieved, the data of some Brazilian slaughterhouses are impressive concerning the mental health of their production line workers. PP.296.

- Albuquerque (2007), in a previous study, asked production line employees in which sectors it was worst to work. The cutting room was awarded first place. In this sector the employees have the function of killing the chickens. PP.297.

- [...] the work is regulated by the speed of the moving belt (the conveyor wich transports the chicken between the sectors) which forces the employees to work at a speed which is too high (Albuquerque, 2007). PP.297.

- The workers are instructed not to talk during the activities; they cannot tspo working when they want without requesting authorization and work under the eye of a supervisor of the production line who controls the productivity with constant oral

warnings and frequente humiliation (H.B. Neto, personal communication, 2009). PP. 297.

- The cutting room, according to what the employees report, is the sector which most exposes the workers to stressful agentes (Albuquerque, 2007). These workers, besides being subject to all the physical and emotional agentes [...] have the function of cutting chickens during approximately eight hours per day. PP. 298.

- [...] workers of the slaughterhouses (production sector) had high levels of depression, anxiety, disajustment, and vulnerability. PP.303.

- The cutting sector had the highest indexes of psycho-pathologies, followed by the reception, evisceration, packing and freezing sectors. PP. 303.

- The workers of the slaughterhouses had higher averages of depression, anxiety and vulnerability than other employees who worked in stressful conditions. It is plausible to assume that the working conditions in slaughterhouses are extremely adverse and expose workers to high risks of psychopathologies. PP.303.

- It was found that 97 workers of the production line of the slaughterhouses (10.2%) marked "7" for item 35 of the NFS wich says: "I have already tried to commit suicide"; 66 workers (8%) marked "7" for item 39: "I have already told other people that i would commit suicide"; 106 workers (11%) marked "7" for item 69: "Sometimes i have fits of rage in wich i wound myself". PP.303.

- [...] it is plausible to think that the people of the cutting sector are more vulnerable and have higher indexes of psychopathological symptoms due to the greater exposure to aggressive agentes created by the current configuration of the work organization. PP.303.

- The workers of the slaughterhouses had higher averages of depression, anxiety and vulnerability than other employees who worked in stressful conditions. It is plausible to assume that the working conditions in slaughterhouses are extremely adverse and expose workers to high risks of psychophatologies. PP. 303.

5. PORCHER, Jocelyne. "Você liga demais para os sentimentos" "Bem-estar animal", repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas. Prod., São Paulo, v.14, n.3, p.35-44, Dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 21 de Maio de 20

- É verdade que quando tem um carregamento de porcas de reforma, se por acaso o motorista já chegou, bom, ele não vai ficar duas horas esperando, porque ele também tem o seu horário, então, certamente tem que andar, têm sempre os mesmos parâmetros para a gente respeitar, porque ele não vai prestar contas falando que uma porca não queria andar, precisei de 3 horas para carregar ela porque os padrões não vão falar para ele sinto muito, não vai ficar por isso, então é isso a gente bate em cima, tem que andar. PP. 38

- Os sistemas industriais de produção são concebidos como se o pecuarista ou o assalariado fosse um ser inteiramente conduzido por uma racionalidade unicamente econômica, e como se o animal fosse um objeto sem vida, inexistente, mesmo sendo com toda evidência um ser biológico, já que tem necessidades biológicas. PP. 38

- O animal é então descrito, não como um parceiro, mas como uma ferramenta de trabalho: “a vaca leiteira é uma máquina de produzir leite”; “uma galinha é uma máquina de fazer ovos”; “é uma ferramenta de trabalho como outra qualquer”. PP. 39.

- O abatedouro é fora das minhas capacidades... bom, vai ter que matá-lo é o jeito, tem que sangrá-lo, mas deixo o lugar para outros; o abatedouro, tem um lado um pouco sórdido, é bem claro, tem um fim que não é sempre o que muitos animais mereceriam. PP. 40

- O sentimento de incompetência que pode experimentar um assalariado porque “não consegue” estar em sintonia com a violência do sistema, por exemplo, batendo nos animais, mostra que este impõe práticas em contradição com os comportamentos espontâneos não-violentos da maioria das pessoas. PP. 41.

6. FITZGERALD, A.; KALOF, L.; DIETZ, T. Slaughterhouses and Increased crime rates: na empirical analysis of the pillover from “The Jungle” into the surrounding community. *Organization and Enviroment*. Califórnia, pp. 158-184, Jun. 2009.

- The findings indicate that slaughterhouse employment increases total arrest rates, arrests for violent crimes, arrests for rape, and arrests for other sex offenses in comparison with other industries. PP. 1.

- [...] those who are engaged in the work of the slaughterhouse also develop constructions that allow them to carry out this work. This contradiction does not occur when the subject of the industrial process is not an animal. PP. 2

- Ethnographic studies of communities where large slaughterhouses have been sited (such as Finney County, Kansas; Lexington, Nebraska; Perry ans Storm Lake, Iowa, Guymon, Oklahoma; and Brooks, Alberta) have documented housing shortages (due to the influxo f factors, including the low wages, paid by the industry, high injury and illness rates, and the high employee turnover rate), and an increase in crime (Broadway, 2000; Stull & Broadway, 2004). PP. 3.

- The slaughterhouse communtiy studies have documented dramatic increases in crime that have outpaced increases in the population. Increases have been documented for violent crimes (Broadway, 2000; Grey, 1998b; Stull & Broadway, 2004), property crimes (Grey, 1995), and drug offenses (Horowitz & Miller, 1999). Most of the increases in violent crime rates have been attributed to increases in domestic violence and child abuse (Broadway, 1990, 2000, p. 40; Stull & Broadway, 2004, p. 103). PP. 3.

7. STEFANUTO, M. Quando ainda não é carne: sobre abate, humanos e animais em um frigorífico do interior paulista. In: ANAIS DO SEMINÁRIO DE ANTROPOLOGIA DA UFSCAR, 1., 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2014.

- Nesses dois setores – condução e atordoamento – é onde existe a maior rotatividade de trabalhadores o que se deve muito ao fato de terem de lidar com os animais ainda vivos. PP. 493.

- Em certo momento da pesquisa de campo, perguntei pra um dos trabalhadores se ele não tinha dó de maltratar os animais, ao que ele respondeu: “Como ter dó se são eles que fazem isso comigo? ”. E “isso” referindo-se às condições de trabalho cotidianas do frigorífico. PP. 494.

- Um outro trabalhador disse que, por não aguentar mais os gritos dos porcos caminhando para o abate, iria para uma fazenda que conhecia que abatia cavalos. PP. 494.

- [...] existe tensão também em sangrar os animais: se os trabalhadores da condução e atordoamento são os que mais mudam, aquele que sangra os animais é nunca muda, porque é só ele que consegue fazer. O sangrador do frigorífico analisado sangra tanto os bovinos quanto suínos e é marcado pelos demais trabalhadores por ser alguém assustado e de difícil contato. PP. 495.

8. VICTOR, Karen; BARNARD, Antoni. Slaughtering for a living: A hermeneutic phenomenological perspective on the well-being of slaughterhouse employees. International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being, [S.l.], v. 11, apr. 2016. ISSN 1748-2631. Disponível em: <<http://www.ijghw.net/index.php/qhw/article/view/30266>>. Data de Acesso: 23 de Maio de 2016.

- In addition, violence against animals has been linked to psychological health problems in humans (Beirne, 2004; Daly & Morton, 2008; Henry, 2004; Porcher, 2011). Consequently, deviant behaviour patterns of slaughterhouse employees have been reported in and outside of the work setting (Fitzgerald, Kalof, & Dietz, 2009) with specific reference to social dilemmas such as substance abuse, intimate partner violence, and an increase in crime rates (Fitzgerald, 2010). PP.2.

- The first time when I killed it was not easy for me. I feel pity for it. I felt I just wanted to close my eyes, turn around, and run away. It was really sad but the more you do it the easier it gets. Like yesterday I had to shoot cows in the kraal. I climbed over the fence, walked to the cow, and just shot it. I feel nothing anymore. In the beginning it was very bad. PP.5.

- During their initial employment phase and in the immediate couple of months thereafter, slaughterers frequently have vivid dreams about their work. Slaughter employees narrated paranoid nightmares and dreams filled with fear and anxiety. PP. 5.

- During the initial phases of employment, slaughterers experience a range of heightened negative emotions. Fear and anger seem Paramount in their emotive responses to slaughtering. PP. 5

- “I lose it quickly, I don’t know why, if someone just messes with me a little bit, then yes the fists swing” (RP9). From fear and anger, feelings of shame and guilt also surface: “From the first day the shame you get from the first day, the shame you get it from starting to work here, but after that it just goes like that. Just like that”. PP. 5.

- Lower frustration tolerance and heightened levels of irritation are experienced. PP. 7.

- RP8 narrates how previously normal issues at home, such as the house pets, now easily irritates him: “I can kick it if I want to because I kill cattle every day. Kick this dog or cat so that it flies just because you can, you don’t worry see it feels like I must hurt this other animal.” PP. 7.

- Slaughter workers emphasise the change they experience personally and also detect in their co-workers after having worked on the slaughterfloor for a period of time. Participants report that slaughtering affects their ability to think clearly and they note feeling “mad”. PP. 7

- Doing slaughter work also affects them in a way that they seem to become more aggressive than before with a concomitant careless attitude about the consequences

of their actions on other people. Slaughterers feeling emotionally much less affected. PP. 7.

- The heightened emotions of fear, anxiety, guilt, shame, and sadness seem to subside as time progresses on the slaughterfloor. PP. 7.

- On this side of the slaughtering, the first, one month in the slaughterfloor, it was very difficult, but today I'm very used to it. I even play with the blood with my boot, moving around, it's really changing people. PP.8.

- In their attempt to cope with the work and maintain their productivity, slaughterfloor employees exhibit certain psychological defences and coping mechanisms. Psychological defences such as emotional detachment, and feeling invincible, seem to undermine these slaughterers' ability to cope. PP.8.

- One respondent (RP8) explained that he copes with the effect of slaughtering by separating his work self from his personal self. PP.8.

- A number of other participants reported feelings of being invincible and superior, capable of anything, fearless, and untouchable. RP9 stresses: "You feel like you can do things that other people can't do." Participants assert that slaughter work gives them a sense of power and causes others to fear them. From his side, RP10 boasted: "I am not afraid anymore. I'm killing thousands of cattle. You won't tell me, I'm not scared of blood; I'm not afraid to slap you with my knife." PP.8.

- Substance abuse however seem to be a prominent destructive coping tactic which participants widely and regularly engage in, in order to relax. PP.8.

- "I admit I also once cut myself on purpose with a knife, just to feel. To be honest you know the work is so hard if you cut yourself you are actually glad and you know for a month or so you will just walk around light duty". PP.8.

- The process of becoming a slaughterer, adjusting to work on the slaughterfloor, as well as coping and maintaining the work holds several psychological consequences for the well-being of the individual employee. PP.8.

- More pertinently, fatigue and stress resulting from the work lead to violence and abuse at home: "I've got the short temper. When I'm alone sitting, thinking maybe if you could fight with my wife, what am I going to do about it, I'm not afraid anymore. I'm killing thousands of cattle; hey I kill 800 or 900 cattle, it's nothing that's gonna stop me to shoot only one person" (RP10). Slaughterers seem to find an expression for their anger in incidents of fighting in and outside of the work. PP.9.

- RP8 reflects on his aggression: "You go to the shebeen, see if you can find people to beat up. It is complicated to me, it can influence you so that you start beating your wife, assault children, such things, kick animals, hurt animals. It happened to me." Anger is often directed at defenceless others and triggered by trivial reasons with little regard to the consequences thereof. PP.9.

- Experiencing social detachment and isolation. Slaughterers feel that their families and friends disapprove and morally object to their work because it involves killing. PP.9.

- Such social disapproval and negative responses from family, friends, and even coworkers exacerbate the slaughterers' feelings of shame and guilt and result in them feeling socially rejected, misunderstood, and stereotyped. PP.9.

- In the beginning I was ashamed to tell people where I work, especially Young girlfriends. You rather lie than say where you work, because immediately they don't like you anymore. PP. 9.

II. REPORTAGENS

1. REPÓRTER BRASIL. “Moendo Gente” mostra condições de trabalho nos frigoríficos do Brasil. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2012/09/quot-moendo-gente-quot-mostra-as-condicoes-de-trabalho-nos-frigorificos-do-brasil/>> Data de acesso: 30/05/2015.

- Já na unidade de Barretos (SP) da JBS, 14% dos aproximadamente 1.850 funcionários estão permanentemente afastados do trabalho devido a acidentes e doenças ocupacionais e sobrevivem com o benefício pago pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Só no primeiro semestre de 2011, registraram-se 496 pedidos de afastamento temporário (com menos de 15 dias) por conta de distúrbios psicológicos e problemas esquelético-musculares. PP.1

- No abate de aves, a chance de um trabalhador desenvolver um transtorno de humor, como uma depressão, é 3,41 vezes maior. PP. 3.

- Em 2011, a Justiça do Trabalho condenou a BRF por terceirização ilícita e por submeter a “condições absolutamente indignas” os trabalhadores muçulmanos empregados localmente na produção [...]. PP. 5.

2. SCOTT, C. From slaughterhouse worker, to Vegan. A strange journey: depoimento. [02 de dezembro de 2010]. Nova Zelândia. Depoimento concedido por meio do Facebook.

- [...] I saw some pretty horrible things. But it just got used to it. I stopped thinking about it, and just did the work. PP. 2.

- I will never forget one time watching the guy who kills the cows with captive bolt gun. He shot the cow. It was a reasonably clean shot, but for some reason the cow didn't die. [...] I was kind of surprised when the guy looked at me, and he looked very guilty and ashamed. I don't think he liked his job very much. PP.3.

- But the disturbing thing was how much I and everyone else just accepted it all. No-one ever discussed how they thought it was wrong or unfair. No-one. Ever. I guess you just couldn't. You had to switch off. We just accepted that that was how things were. PP. 3.

- Ignoring it makes you sick. Soul sick. PP. 4

3. IHU ONLINE. A “moderna” indústria brasileira da carne. Produção à custa da saúde e da vida dos trabalhadores. Entrevista especial com Siderlei de Oliveira: entrevista. [23 de setembro de 2011]. Rio Grande do Sul. Entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos.

- Uma outra característica onde tem indústria avícola é o número de farmácias existente na cidade. É impressionante, porque o consumo de medicamentos é muito grande. E os medicamentos vendidos lá são anti-inflamatórios, remédio para dor e calmantes. P.5

4. LEONARDO SEVERO. Ritmo intenso, gestos repetitivos, jornadas extenuantes. A dura realidade nos frigoríficos brasileiros. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/44400-ritmo-intenso-gestos-repetitivos-jornadas-extenuantes-a-dura-realidade-nos-frigorificos-brasileiros>>. Data de acesso: 24/05/2016.

- Após quatro anos investigando as empresas do setor, afirmo que as atuais condições de trabalho são muito precárias e incompatíveis com a saúde física e mental dos trabalhadores. Há uma verdadeira legião de lesionados, sobretudo jovens empregados, conclui. (Procurador Sandro Eduardo Sardá do Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina). PP. 3.

5. SOLOTAROFF, P. Nas estranhas da besta: um retrato dos horrores da indústria da carne. Revista Rolling Stones, São Paulo, s.v., s.n., jan, 2014. <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/industria-da-carne-crueldade-nas-entranhas-da-besta/>> Data de acesso: 30/06/2015.

- Há cerca de dois anos, Sarah foi contratada por um viveiro chamado Wyoming Premium Farms [...]. A rotatividade de funcionários era alta e o ânimo, baixíssimo [...]. “Os trabalhadores estavam tão estressados que batiam nas porcas durante o processo de desmame e as levavam de volta para o viveiro”, conta Sarah. “Algumas mães resistiam e eles simplesmente mandavam ver, três ou quatro por vez chutando e socando uma fêmea [...]”. PP. 3.

- Sobre um funcionário: Steve Perry [...] parecia ter prazer em abusar de porquinhos recém-nascidos – balançando-os pelas patas, gabando-se de golpear uma porca com uma caneta e arrancando a orelha de outra. PP. 3.

- Relato de Cody Carlson: tinha um emprego em um estábulo com um chefe doentio que se orgulhava do que fazia com as vacas. Um dia, estávamos consertando um portão e duas vacas se aproximaram para nos ver trabalhar. Bom, uma cutucou com o focinho, só para brincar, e ele a golpeou na cara com a chave de fenda. Também o vi se gabar de ataques passados, como amarrar uma vaca a uma cerca e se revezar com outros homens para agredi-la. PP.10.

6. ROBERTO A. FERDMAN. ‘I had to wear pampers’: the cruel reality the people who bring you cheap chicken allegedly endure. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2016/05/11/i-had-to-wear-pampers-many-poultry-industry-workers-allegedly-cant-even-take-bathroom-breaks/>>. Data de acesso: 25/05/2016.

- [...] poultry industry workers are "routinely denied breaks to use the bathroom" in order to optimize the speed of production. In some cases, according to the group, the reality is so oppressive that workers "urinate and defecate while standing on the line" and "wear diapers to work." In others, employees say they avoid drinking liquids for long periods and endure considerable pain in order to keep their jobs. PP. 1.

- poultry workers stand shoulder to shoulder on both sides of long conveyor belts, most using scissors or knives, in cold, damp, loud conditions, making the same forceful movements thousands upon thousands of times a day, as they skin, pull, cut, debone and pack the chickens. The typical plant processes 180,000 birds a day. A typical worker handles 40 birds a minute. PP. 1.

7. JAMES MCWILLIAMS. Slaughterhouse 1,100: The Emotional Impact of Killing Animals. Disponível em: < <http://james-mcwilliams.com/?p=341>>. Data de acesso: 25/05/2016.

- Slaughterhouse employees are not only exposed to a battery of physical threats, but the psychological weight of their work erodes their well being in quietly tragic ways. PP. 1.

- It will come as no surprise that the consequences of this emotional dissonance include domestic violence, social withdrawal, drug and alcohol abuse, and severe anxiety PP. 1.

- At the University of Windsor, the criminologist Amy Fitzgerald has found a strong correlation between the presence of a slaughterhouse and high crime rates. PP.2.

III. LIVROS

1. FOER, J. S. *Comer animais*. Rio de Janeiro: ROCCO, 2011. 320pp.

- Num abatedouro da West Virginia que fornece à KFC, foram documentados funcionários arrancando a cabeça de aves vivas, cuspiendo tabaco em seus olhos, pintando seus rostos com spray e pisando com violência sobre elas. Esse matadouro não era a “maçã podre”, mas um “Fornecedor do Ano”. PP.75.

- [...] Um de meus empregos, muitos anos atrás, foi numa granja de aves domésticas. Era operadora de sangria manual, o que quer dizer que minha responsabilidade era cortar o pescoço das galinhas que sobreviviam ao cortador automático de pescoços. [...] Nesse contexto, você perde a noção de tudo: onde está, o que está fazendo, há quanto tempo vem fazendo, o que os animais são, o que você é. Trata-se de um

mecanismo de sobrevivência, para impedir que enlouqueça. Mas é, em si, uma loucura. PP.95.

- Numa instalação para criação de porcos na Carolina do Norte, filmes feitos por investigadores disfarçados mostraram alguns trabalhadores administrando surras diárias, dando pauladas em porcas grávidas com uma chave inglesa e cravando uma estaca de ferro trinta centímetros dentro do reto e da vagina das porcas. [...] Em outras dependências da granja, também gravadas, empregados serravam as pernas dos porcos e lhes tiravam a pele enquanto eles ainda estavam conscientes. Em outras instalações, operadas por um dos maiores produtores de carne de porco dos Estados Unidos, funcionários foram filmados atirando os porcos para cima, batendo neles e chutando-os; golpeando-os com força contra o chão de concreto e dando-lhes pauladas com bastões e martelos de metal. Em outra granja, uma investigação que durou o ano inteiro descobriu o abuso sistemático contra dezenas de milhares de porcos. A investigação documentou funcionários apagando cigarros na barriga dos animais, batendo neles com ancinhos e pás, estrangulando-os e jogando-os em poços de esterco para que se afogassem. [...] A investigação concluiu que os gerentes toleravam esses abusos, mas as autoridades se recusaram a processá-los. A ausência de processos é norma, não exceção. PP.185.

- [...] A Tyson Foods é uma das grandes fornecedoras da KFC. Uma investigação em uma de suas instalações descobriu que alguns funcionários arrancavam regularmente a cabeça de aves com por cento conscientes (com permissão explícita de seu supervisor), urinavam na área de abate (incluindo a esteira que as carrega) e deixavam indefinidamente sem concerto um equipamento automático de má qualidade, que, em vez dos pescoços, cortava os corpos das aves. PP. 186.

- BILL: Aquele momento do abate, para mim, na minha experiência – e suspeito que para os mais sensíveis criadores de animais – é quando você compreende o destino e a dominação. Porque você levou aquele animal à morte. Ele está vivo, e você sabe que, quando aquela porta se abrir ele entrar ali, será o fim. É o momento mais perturbador pra mim, aquele momento em que eles estão enfileirados no abatedouro. PP.228.

- Temple Grandin argumentou que pessoas comuns podem virar sádicos com o trabalho desumanizante do abate constante. Esse é um problema persistente, ela relata, para o qual a administração deve ficar muito atenta. PP.234.

- [...] Vi milhares e milhares de vacas passarem pelo processo de abate conscientes... as vacas podem ficar por sete minutos na linha de produção e ainda estar vivas. Já estive em algumas ocasiões no esfolador lateral vendo que elas ainda estavam vivas. [...] E, quando os funcionários que reclamam chegam a ser escutados, com frequência são demitidos. PP.234.

- Eu ia para casa e ficava de mau humor... ia direto para o andar de baixo, dormir. Gritava com as crianças, coisas assim. PP.234.

- É difícil falar sobre isso. Você está sob um bocado de estresse, toda essa pressão. Parece muito malvado, mas já peguei agulhões elétricos e enfiei nos olhos deles. E fiquei segurando lá. PP. 257.

- No boxe de sangria, eles dizem que o cheiro de sangue deixa você agressivo. E deixa mesmo. Você começa a pensar: se aquele porco me chutar eu vou descontar. De todo modo, já vai matar o porco, mas isso não é suficiente. Ele tem que sofrer... PP.257.

- Investigações secretas revelaram de modo consistente que trabalhadores de fazendas e granjas, submetidos ao que o Human Rights Watch descreve como “violação sistemática dos direitos humanos”, com frequência descontam suas frustrações nos animais ou simplesmente sucumbem às exigências dos supervisores de manter as linhas de abate funcionando, a qualquer custo e sem pensar duas vezes. Alguns trabalhadores são sádicos no sentido literal do termo. PP.258.

2. JOY, M. *Porque amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas*. 2014. São Paulo: CULTRIX, 2013. 200pp.

- Você pode se sentir um incapaz quando está tentando tocar o gado... às vezes é preciso aplicar muito ferrão. Mas alguns condutores [pessoas que aguilhoam o gado ao longo da rampa] fazem o diabo com eles [...]. PP.52.

- Vi um empregado chutar uma galinha do ventilador do piso e vi rotineiramente galinhas sendo atiradas pela sala... enquanto conversava sobre futebol, um dos trabalhadores “acertou” uma galinha na esteira transportadora, como se tivesse marcado um touchdown. PP. 56.

- Reparei... que hoje nosso líder de linha parecia em geral mais hostil com relação às aves, sempre lhes gritando obscenidades quando as atirava para o lado... Durante um intervalo, um trabalhador ficou esbofeteando uma galinha até a esteira voltar a andar. PP.56.

- De manhã, o grande tráfego era o dos bezerros... Para acabar com eles mais depressa, se colocava oito ou nove ao mesmo tempo no box de abate. Assim que começam a entrar, se começa a atirar [...] Você não sabe quem levou tiro e quem não levou tiro nenhum; e esquece dos que estão no fundo. Mesmo assim eles são pendurados e seguem a linha se debatendo e gritando. Eu não me sentia bem em matar os filhotes... de duas, três semanas de vida... e simplesmente os deixava passar. PP.62.

- Dada a brutalidade do processo de abate, é fácil presumir que as pessoas cujo trabalho seja matar animais sejam sádicas ou de alguma forma psicologicamente perturbadas. Contudo, embora o distúrbio psicológico e mesmo o sadismo possam resultar de exposição prolongada à violência, não são necessariamente a causa dos indivíduos procurarem uma carreira que tenha relação com o ato de matar. [...] os que estão no “negócio de matar” podem não se mostrar insensíveis quando começam, mas acabam se acostumando à violência que um dia os perturbou. PP.81.

- E quanto mais insensíveis os trabalhadores se tornam – quanto mais “não podem se importar” – mais se desenvolve o seu sofrimento psicológico. A maioria das pessoas não pode vivenciar muita violência sem ficar traumatizada por ela; [...] Trabalhadores traumatizados se tornam cada vez mais violentos com relação tanto a animais quanto a humanos e desenvolvem comportamentos de aproximação às drogas numa tentativa de amortecer sua angústia. PP. 82.

- A maioria dos sangradores foi presa por se envolver em assaltos. Grande parte deles tem problemas com álcool. Eles têm de beber, não têm outro meio de aguentar ficar matando o dia inteiro animais agitados, que dão coices... muitos deles... só bebem e tomar drogas para afastar os problemas. Alguns acabam maltratando a esposa porque não conseguem se livrar do que estão sentindo. Saem do trabalho com esse estado de ânimo e vão até o bar para esquecer. [...] PP.82.

- Tenho descarregado nos animais a pressão e a frustração que sofro no trabalho... Tinha um porco vivo no poço. Não tinha feito nada de errado, não estava nem correndo em volta do poço. Só estava vivo. Peguei um cano de um metro... e literalmente espanquei aquele porco até a morte. [...] Simplesmente comecei a bater no porco e não pude parar. E quando finalmente consegui parar, eu dera vazão a toda a minha energia e frustração, e fico pensando o que, no bom nome de Deus, eu fiz? PP.82.

- Alguns trabalhadores de matadouros sem dúvida ingressam na indústria como sociopatas: indivíduos que são antissociais, clinicamente “sem consciência” e que frequentemente sentem prazer em causar sofrimento a outros. Contudo, devemos estranhar uma indústria que tolera – e, na realidade, requer – comportamentos antissociais, como agressividade extrema, falta de piedade e violência. PP.83.

3. EISNITZ, G. A. *Slaughterhouse: the shocking story of greed, neglect, and inhumane treatment inside the U.S. meat industry.* New York: PROMETEUS, 1997. 328pp.

- “All animals fear when they’re going to die”, he said. “If he don’t want to go, if he falls down, they beat him with pipes, kick them, hit them with pieces of wood, stick them

with knives. If he still won't move, you warp a cable around his neck and drag them in with the hoist. You drag them while they're still alive. Choke them to death".

- You've got to have something for whatever situation you're in. You can't spend fifteen or twenty minutes on one horse. You have to do whatever you can to get him in that box to get him skinned – fast. You can't let one horse stop you from making Money. See, the thing with a slaughterhouse, every piece of meat is valuable.

- "Sometimes they can't get close enough with the knocking gun," he continued. "It didn't work right sometimes, sometimes the gun gets wet, gets blood up in it, and it don't shoot. The boss tells us, 'run and cut his throat.' I've seen my boss grab a knife and run and cut its throat."

- "See," he continued, "a job like that, is a job of cruelty. You don't have no conscience. All you think about is you making your money, you doing your job."

- You know, you drink on the job. You go out to the liquor store on your lunch break and buy your liquor and beer, and we drink while we work.

- There was one night I'll never forget as long as I live. A little female hog was coming through the chutes. She got away and the supervisor said, "Stick that bitch." I grabbed her and flipper her over. She looked at me. It was like she was saying, "Yeah, I know it's your job, do it." That was the first time I ever looked into a live hog's eyes. And I stuck her. PP. 74.

- [W]hen you're standing there night after night, digging that knife into these hogs, and they're fighting you, kicking at you, trying to bite you – doing whatever they can to try and get away from you – after a while you don't give a shit. You're just putting in your time. And then it gets to the point where you're at a daydream stage. When you can think about everything else and still do your job. You become emotionally dead. PP. 75.

- I'd come home, my wife would ask me how my night went, and instead of being happy to see her I'd say, "What the hell do you care?" We'd get into arguments about stupid things. Or else I'd come in so drunk I'd wonder how in the hell I made it home. PP. 75

- My wife...couldn't take the bitching any more. I'd blow up at the drop of a hat, come home every night and find something to complain about, take my frustrations from work out on my family. PP. 75.

- "I was a terrible parente too", he said. "Mean as I could be to my kids. They could do the littlest thing wrong, I wouldn't think twice about whooping their asses. PP. 76.

- The minute I left [my job at the slaughterhouse] they just hired somebody else. And the minute he gets hurt bad they'll put somebody else down there. And the chain will just keep going. Because people need a job, and they're willing to do anything they can to keep their job. I proved it by sticking live animals. PP. 76.

- Today, if somebody gave me a choice of going without a job or working for [the slaughterhouse], I'd go without a job. I'd mow lawns, fix cars. I'd do anything before I'd do that again. PP. 77

- "I think the whole problem is the atitude", he replied. "As long as that chain is running, they don't give a shit what you have to do to get that hog on the line. You got to get a hog on each hook or you got a foreman on your ass". PP. 80.

- [When the hogs reach the restrainer] they've been shocked in the ass, poked in the eye, and they're about as hyper as a pig can be. They're climbing on top of each other. They're nuts. They guy working the restrainer has to try and catch these bouncing hogs with a stunner. They're jumping around, knocking the stunner off, and you're not getting a solid stun. PP. 82.

ANEXO B: Método da Proposta de Pesquisa Original

Com o intuito de investigar possíveis alterações comportamentais e de humor em trabalhadores de abatedouros, buscar-se-á entrevistar trabalhadores de abatedouros. Serão convidados a participar da pesquisa, trabalhadores (pretensão de $n = 30$ a 60 para que a pesquisa seja válida estatisticamente) de diferentes abatedouros da cidade de São Paulo, que participarão de uma ou mais etapas de coleta de dados com os instrumentos, métodos, procedimentos e critérios descritos a seguir. A fim de organizar a coleta de dados e facilitar o texto para leitura, o método foi separado em estudos complementares que serão analisados em conjunto, mas descritos separadamente.

O Estudo 1 trará um panorama mais geral acerca da temática, sendo seu principal objetivo verificar, através dos dados obtidos na aplicação dos instrumentos padronizados de avaliação, qual é o perfil do trabalhador em questão. Possui ele um padrão deprimido e/ou ansioso mais evidente do que a população em geral? Se sim, quais são as variáveis de seu trabalho que afetam seu humor? Essas são as principais perguntas a serem respondidas pela primeira parte da investigação.

O Estudo 2 trará uma visão mais específica, pessoal e subjetiva sobre o trabalhador em questão. Através dos instrumentos a serem aplicados (entrevista reflexiva e teste de Rorschach), têm-se como objetivo obter informações que não puderam ser obtidas na primeira etapa da pesquisa para que estas possam complementar os dados já obtidos.

Ao final dos dois estudos, todas as informações obtidas serão correlacionadas a fim de traçar o perfil desses trabalhadores e analisá-los, de acordo com as hipóteses propostas para esta pesquisa.

Estudo 1

• Participantes

Os participantes serão selecionados entre trabalhadores de diferentes abatedouros da cidade de São Paulo por meio de contatos da pesquisadora. Esses participantes serão submetidos a dois instrumentos padronizados de avaliação

psicométrica e uma ficha sociodemográfica elaborada especificamente para este estudo.

● Instrumentos

Nesta etapa, serão utilizados três instrumentos; primeiramente uma ficha sociodemográfica e, também, dois instrumentos padronizados de avaliação psicométrica – as Escalas de Beck para Depressão e Ansiedade. Abaixo encontram-se descritos detalhadamente os instrumentos a serem utilizados.

1- Ficha Sociodemográfica

A ficha sociodemográfica é um questionário desenvolvido para esta pesquisa baseado em informações – natureza do trabalho realizado pelos indivíduos, rotina dos trabalhadores e suas escolhas pessoais - que podem estar relacionadas ao objetivo proposto na pesquisa. Tais informações poderão servir como variáveis na comparação e análise de outros dados produzidos. Os dados solicitados são: nome, idade, endereço, empresa, cargo ocupado, tempo de emprego na atual empresa, prazer pela atividade realizada no emprego, problemas de saúde, tratamento medicamentoso de uso contínuo, uso de tabaco, uso de álcool, contato/apreço por animais e consumo de carne. O questionário completo encontra-se ao final do trabalho.

2- A Escala de Beck para Depressão (BDI-II) e a Escala de Beck para Ansiedade (BAI).

Dentre os vários testes psicológicos existentes internacionalmente e nacionalmente reconhecidos para avaliar alterações no humor, as Escalas Beck são referência e utilizadas amplamente em pesquisas e casos clínicos. As Escalas Beck são compostas por quatro questionários, sendo eles: Inventário de Depressão (BDI), Inventário de Ansiedade (BAI), Escala de Desesperança (BHS) e Escala de Ideação Suicida (BSI). No presente trabalho serão utilizados os dois primeiros questionários (BDI-II e BAI). Será utilizada a segunda versão da Escala Beck para Depressão, pois esta é a versão mais atualizada e que mais se aproxima dos objetivos da pesquisa em questão. Seu uso pretende verificar indícios de alterações de humor em seus trabalhadores.

● Coleta / Local

O local em que os instrumentos serão aplicados deverá ser um local quieto e livre de interferências que possam comprometer a obtenção de informações. Portanto, deverá ser uma sala sem muitos estímulos visuais e auditivos, tranquila, com boa iluminação e silenciosa, para que o participante possa se concentrar totalmente na tarefa proposta.

Estima-se que a aplicação da ficha sociodemográfica levará em média cinco minutos por participante. Quanto a aplicação das escalas, estima-se que a aplicação de cada escala levará em média de dez a vinte minutos por participante. Os trabalhadores serão instruídos a responder as escalas de acordo com a aplicação adotada pelo manual (CUNHA, J. A. Manual da versão em português das escalas Beck. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001 _____ Psicodiagnóstico. Porto Alegre, Artmed, 2008).

● Previsão de Análise

Após a coleta desse material, os dados das fichas sociodemográficas e das escalas serão computados e analisados. Duas grandes informações serão correlacionadas com os outros dados obtidos. O primeiro grande grupo de correlação será o de algumas informações da ficha sociodemográfica com os índices apresentados nas escalas, a fim de verificar se há relação entre determinadas características do sujeito e de seu trabalho com os índices de depressão e ansiedade. O segundo grande grupo de comparação será o do tempo em que o trabalhador encontra-se trabalhando na empresa com alguns dos dados da ficha sociodemográfica, com o objetivo de verificar se o tempo de trabalho vivido pelo sujeito pode alterar certas características pessoais sua e de suas escolhas.

Primeiramente, será analisado o quanto os índices de depressão e ansiedade estão correlacionados com as seguintes variáveis: idade; tempo de trabalho na empresa; cargo que ocupa na empresa; gosto pelo trabalho que realiza (pergunta 6); indicação do trabalho; problemas de saúde, com essa informação pretende-se verificar se a população dessa pesquisa possui algum problema de saúde específico e se os problemas de saúde poderiam influenciar o resultado dos índices de depressão e ansiedade; uso contínuo de algum medicamento, com essa informação

pretende-se observar se há alguma correlação do uso de medicamento ou influência dos mesmos nos índices de depressão e ansiedade; uso de tabaco e uso de álcool, com essa informação pretende-se observar o índice de consumo dessas substâncias nessa população específica e comparar com os índices epidemiológicos mais atuais.

A segunda grande comparação será em relação ao tempo de trabalho realizado pelos indivíduos na empresa com as seguintes variáveis: gosto pelo trabalho; indicação do trabalho; problemas de saúde; uso de tabaco e álcool; apreço e contato com animais; consumo de carne.

Estudo 2

• Participantes

Após a coleta do material do Estudo 1, destes X ($n = 30$ a 60) participantes, serão selecionados 6 com base nos índices apresentados nas escalas. Serão selecionados 2 trabalhadores que apresentaram níveis medianos de depressão na comparação com o resultado dos X participantes; 2 trabalhadores que apresentaram níveis medianos de ansiedade, também na comparação com o resultado dos X participantes; e 2 trabalhadores que não apresentaram nenhuma alteração nas escalas segundo os índices esperados para a média da população segundo a literatura. Os trabalhadores selecionados que não apresentaram nenhuma alteração serão utilizados como parâmetro para a comparação com os trabalhadores que apresentaram alterações nas escalas.

• Instrumentos

Nesta segunda etapa da pesquisa, os instrumentos utilizados nos seis participantes selecionados, serão: uma Entrevista Reflexiva - elaborada especialmente para os participantes em questão. Será utilizado também o Teste de Rorschach, também já apresentado na introdução. O objetivo de utilizar ambos os instrumentos é obter informações que possivelmente não foram possíveis de serem obtidas durante o Estudo 1, ou seja, informações mais quantitativas e subjetivas a respeito do trabalho realizado e de suas consequências.

Tanto a Entrevista Reflexiva quanto o Teste de Rorschach trazem informações mais pessoais e subjetivas dos participantes, pois avaliam suas características e

discursos individuais. A entrevista reflexiva tem como objetivo coletar informações que não puderam ser obtidas na aplicação das escalas, e, poder contar com o próprio discurso do trabalhador para as análises que serão realizadas. Já o Teste de Rorschach, tem como objetivo coletar informações mais subjetivas e latentes, que podem não ter aparecido nas escalas e na entrevista. Essas informações também serão utilizadas para as análises a serem realizadas ao final do trabalho.

● **Coleta / Local**

O local de aplicação dos instrumentos e coleta de dados, assim como no Estudo 1, deverá ser um local neutro, quieto, livre de interferências que possam comprometer a obtenção de informações. Portanto, deverá ser uma sala sem muitos estímulos visuais e auditivos, tranquila, com boa iluminação e silenciosa, para que o participante possa se concentrar totalmente na tarefa proposta. Os trabalhadores serão instruídos a responder o Teste de Rorschach de acordo com a aplicação adotada pelo manual.

A Entrevista Reflexiva levará em média uma hora e meia; e o Teste de Rorschach levará em média de 1 a 2 horas de aplicação.

● **Previsão de Análise**

A análise terá como objetivo explorar e analisar a experiência pessoal do indivíduo e aspectos de sua personalidade, ambos para complementar as informações obtidas no Estudo 1. Os dados da entrevista reflexiva serão agrupados em unidades de significado semelhantes e então analisadas.

FICHA SOCIODEMOGRÁFICA

1. Nome

2. Idade

3. Há quanto tempo você trabalha na empresa?

- | | |
|--------------------------------------|--|
| ☐ até 3 meses | ☐ até 2 anos |
| ☐ até 6 meses | ☐ até 5 anos |
| ☐ até 1 ano | ☐ mais que 5 anos |

4. Que cargo você ocupa na empresa? Há quanto tempo?

5. Em uma escala de 1 a 6, responda: você gosta do trabalho que realiza?

- | | | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| nada | | | | | muito |

6. Você indicaria o seu trabalho para um conhecido seu?

- ☐ Sim
☐ Não

Por quê? (opcional):

7. Você possui algum problema de saúde?

- ☐ Sim
☐ Não

Qual? (opcional):

8. Você faz uso contínuo de algum medicamento?

() Sim

() Não

Qual? Para que? (opcional):

9. Em uma escala de 1 a 6, o quanto você faz uso de tabaco (cigarro/charuto/cachimbo)?

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

10. Em uma escala de 1 a 6, o quanto você faz uso de álcool?

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

11. Em uma escala de 1 a 6, o quanto você gosta de animais?

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

12. Você possui animais domésticos (cão, gato, peixe, etc.)?

() Sim

() Não

Quantos? (opcional):

13. Em uma escala de 1 a 6 classifique o quanto você gosta dos seguintes animais:

GATO

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

CAVALO

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

COELHO

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

VACA

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

CACHORRO

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

PORCO

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

PEIXE

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

GALINHA

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

PÁSSARO

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

14. Em uma escala de 1 a 6, o quanto você consome carne?

1	2	3	4	5	6
()	()	()	()	()	()
nada					muito

Caso não consuma, responda por que (opcional):

Comentários:
